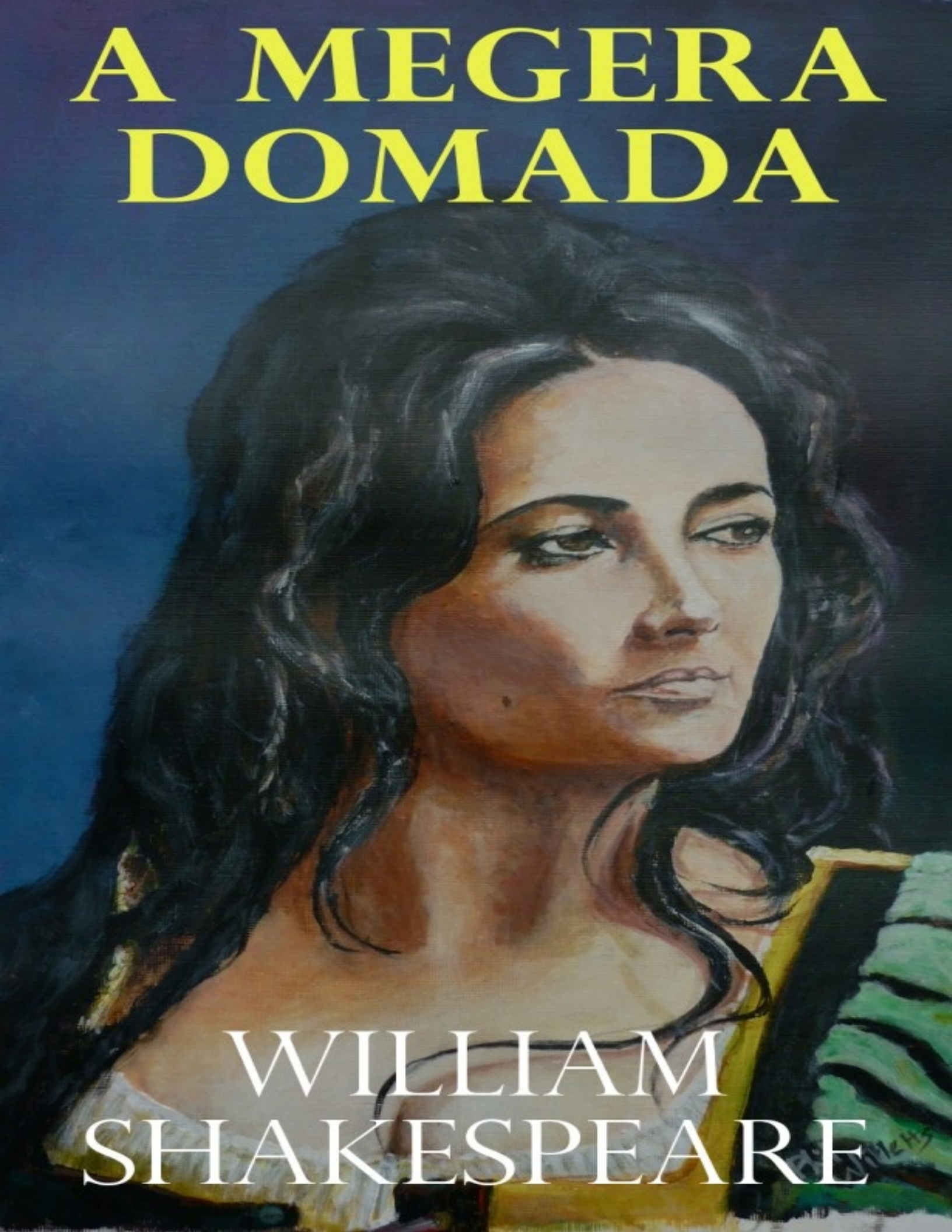
A MEGERA DOMADA



WILLIAM SHAKESPEARE

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

A MEGERA DOMADA

William Shakespeare

TEXTO INTEGRAL

TRADUÇÃO: ALEX MARINS



CRÉDITOS

© *Copyright* desta tradução: Editora Martin Claret, 2007

Título original: *The Taming of the Shrew (1593-1594)*

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO
Martin Claret

MIOLO
Revisão
Mª de Fátima C. A. Madeira
Lucyana R. Oliveira Torchia

Tradução
Alex Marins

Projeto Gráfico
José Duarte T. de Castro

Direção de Arte
José Duarte T. de Castro

Digitação
Graziella Gatti Leonardo

Editoração Eletrônica
Editora Martin Claret

Fotolitos da Capa
OESP

Papel
Off-Set, 70g/m²

Impressão e Acabamento
Paulus Gráfica

Editora Martin Claret Ltda. – Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré CEP: 01254-010 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3672-8144 – Fax: (0xx11) 3673-7146

www.rnartinclareteoin.br / editorial@martinclaret.com.br

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi impresso na primavera de 2007.

A Megera Domada

Dramatis Personae

Um LORDE, personagens do Prólogo
Cristóvão SLY, funileiro, personagens do Prólogo
HOTELEIRA, PAJEM, COMEDIANTES, CAÇADORES e SERVIDORES, personagens do Prólogo
BATISTA, rico fidalgo de Pádua
VICÊNCIO, velho fidalgo de Pisa
LUCÊNCIO, filho de Vicêncio, apaixonado por Bianca
PETRUCHIO, fidalgo de Verona, pretendente de Catarina
GRÊMIO, HORTÊNCIO, pretendentes de Bianca
TRÂNIO, BIONDELLO, criados de Lucêncio
DRÚMIO, CURTIS, criados de Pádua
Um PEDAGOGO imitando Vicêncio
CATARINA, a megera, filha de Batista
BIANCA, filha de batista
Uma VIÚVA
ALFAIATE, MASCATE e CRIADOS de Batista e de Petruchio

CENA: Pádua e a casa de campo de Petruchio

PRÓLOGO

CENA I

Diante de uma cervejaria numa charneca.
Entram a Hoteleira e Sly.

SLY — Juro que vou dar-vos uma surra.

HOTELEIRA — Estás precisando de um tronco, vagabundo!

SLY — Sois uma sem-vergonha: os Sly não são vagabundos. Olhai nas crônicas; chegamos com Ricardo, o Conquistador. Logo *paucas pallabris*[1], deixai o mundo rodar: *Cessa*[2]!

HOTELEIRA — Não quereis pagar os copos que quebrastes?

SLY — Não, nem um centavo[3]. Por São Jerônimo, sai daqui; vai para tua cama gelada e aquece-te lá!

HOTELEIRA — Conheço o remédio. Vou buscar um guarda. (Sai.)

SLY — Podes ir buscar um, dois, três que eu lhes responderei com a lei na mão[4]; não arredarei uma polegada; que venha e com delicadeza! *(Deita-se no chão e dorme. Soam as trompas de caça. Entra um Lorde, vindo da caça, seguido por Caçadores e Criados.)*

LORDE — Caçador, encarrego-te de cuidar bem de meus cães, principalmente de Buliçoso; o pobre animal está muito inchado! Prende o Nebuloso com a cadela de latido profundo. Não viste, rapaz, corno o Prateado se

portou bem no canto da sebe quando o rasto foi de todo perdido? Não quero perder este cão nem por vinte libras.

PRIMEIRO CAÇADOR — Ora, o Carrilhão é tão bom quanto ele, milorde; latiu à menor perda da caça e hoje, por duas vezes, encontrou a pista mais difícil. Acreditai-me, é o melhor cão.

LORDE — És um imbecil. Se Eco fosse mais um pouco rápido, eu acho que valeria doze iguais a Carrilhão. Mas providencie para que comam bem e cuide deles todos. Quero caçar amanhã de novo.

PRIMEIRO CAÇADOR — Está bem, milorde.

LORDE — Que é isso? Está morto ou embriagado? Vê, está respirando?

SEGUNDO CAÇADOR — Está respirando, milorde. Se não estivesse esquentado pela cerveja, seria uma cama bem fria para dormir tão profundamente.

LORDE— Que monstruoso animal! Parece um porco dormindo! Ó morte sinistra, como é vergonhosa e repulsiva a tua imagem!... Meus amigos, quero divertir-me com esse bêbado. Que achais? Se fosse transportado para um leito, envolvido em lençóis macios e se acordasse com anéis nos dedos, um deliciosíssimo banquete ao lado da cama, e perto dele solícitos servidores ao seu redor quando despertar, não esquecia o mendigo sua própria condição?

PRIMEIRO CAÇADOR — Certamente, milorde, creio ele não pode escolher.

SEGUNDO CAÇADOR — Ficará espantadíssimo quando acordar.

LORDE — Como de um sonho enganoso ou de uma vã fantasia... Levantai-o, pois, e combinaremos bem a brincadeira. Transportai-o cuidadosamente para meu mais belo quarto e enfeitai-o com meus quadros mais licenciosos. Perfumai-lhe a asquerosa cabeça com cálidas águas perfumadas, e queimai madeiras odoríferas para perfumar o aposento. Procurai-me músicos que, quando ele despertar, deixem ouvir uma melodia doce e celeste. Se por acaso falar, estai dispostos a cumprir-lhe as ordens e respondei fazendo uma respeitosa reverência: “Que deseja Vossa Excelência?” Um de vós se apresentará com uma bacia de prata cheia de água de rosas e juncada de Flores. Outro trará um jarro; um terceiro, uma toalha adamascada e dirá: “Vossa Senhoria deseja refrescar as

mãos?” Um outro já lhe esteja à disposição com um rico guarda-roupa e lhe pergunte com que traje ele deseja vestir-se. Fale-lhe outro dos cães e cavalos e da esposa que se encontra desolada vendo-o doente. Persuadi-o de que esteve lunático' e se afirma ser o que é, respondei-lhe que ele sonha, porque é nada menos do que um poderoso senhor. Fazei assim, amáveis senhores, e fazei-o com jeito. Será a brincadeira mais engraçado do mundo, se vos conduzirdes com discrição.

PRIMEIRO CAÇADOR — Milorde, garanto-vos que representaremos tão bem nosso papel, que nosso leal zelo o fará acreditar daquilo que lhe dissermos.

LORDE — Levai-o cuidadosamente e colocai-o na cama; e quando acordar, cada um deverá estar a postos. *(Saem Servidores levando Sly. Soa uma trombeta'.)* Rapaz, vai ver que trombeta é esta que está tocando. *(Sai um Criado.)* Sem dúvida, algum nobre gentil-homem que, viajando por etapas, deseja aqui descansar. *(Volta o Criado.)* Então? Quem é?

CRIADO — Com a permissão de Vossa excelência, são comediantes que estão oferecendo serviço a Vossa Senhoria.

LORDE — Dize-lhes que entrem. *(Entram os comediantes.)* Então, camaradas? Sede bem-vindos!

COMEDIANTES — Estamos muito agradecidos a Vossa Excelência.

LORDE — Pretendeis passar a noite comigo?

UM COMEDIANTE — Se Vossa Senhoria quiser aceitar nossos serviços.

LORDE: — Com todo meu coração. Lembro-me desse rapaz desde uma vez que o vi representar o papel de primogênito de um fazendeiro. Era uma peça em que fazíeis admiravelmente bem a corte a uma nobre dama. Não me lembro de vosso nome, mas sem dúvida o papel foi habilmente marcado e naturalmente representado.

UM COMEDIANTE— Creio que Vossa Senhoria queira referir-se a Soto[7].

LORDE — É isso mesmo, estavas excelente. Bem, chegais na hora certa. Tanto mais a propósito porque estou preparando uma brincadeira na qual podeis prestar-me um grande serviço. Há aqui um lorde que vos verá representar esta

noite; mas tenho dúvidas de vossa atitude; temo que, notando-lhe a atitude estranha (porque Sua Excelência nunca assistiu a uma peça), sereis tomados de algum acesso de alegria, e que ele se sinta assim ofendido. Porque, posso dizer-vos senhores, se notar que estais rindo, ficará zangado.

UM COMEDIANTE — Não temais, milorde; saberemos conter-nos, ainda que fosse ele a pessoa mais ridícula do mundo.

LORDE — Vamos, rapaz, leva-os para a copa e dá a cada um deles uma cordial boa-vinda. Que nada lhes falte de quanto minha casa possa fornecer. *(Sai um Criado com os Comediantes.)* E tu, vai procurar meu pajem Bartolomeu, e dize-lhe que se vista dos pés à cabeça como uma dama[8]. Feito isto, leva-o para o quarto do bêbado, chama-o de "senhora" e testemunha-lhe a maior obediência. Dize-lhe de minha parte que, se quiser conquistar minha amizade, tome nobres atitudes como já terá tido ocasião de observar nas grandes damas diante dos maridos. Que se mostre respeitoso com o bêbado; fale-lhe recatadamente, em voz baixa, com humilde cortesia, e lhe diga: "Que se digna Vossa Excelência ordenar?" "Em que pode vossa dama, vossa humilde esposa, mostrar seus deveres e testemunhar seu amor?" E em seguida, com ternos abraços e beijos tentadores, inclinando a cabeça sobre o peito dele, deixe correr lágrimas de alegria vendo seu pobre senhor restabelecido, pois durante sete anos não se julgou sempre melhor do que um miserável e imundo mendigo. E se o rapaz não tiver o dom das mulheres, de deixar cair à vontade um dilúvio de lágrimas, uma cebola conseguirá perfeitamente imitá-las, a qual, cuidadosamente escondida num guardanapo, dar-lhe-á, mesmo que não queira, um olhar lacrimejante. Que tudo isto seja feito com a maior rapidez que puderes. Daqui a pouco te darei mais instruções. *(Sai um Criado.)* Estou certo de que o rapaz usurpará perfeitamente a graça, a voz, o porte e o andar de uma dama de qualidade. Estou ansioso para ouvi-lo chamar o bêbado de esposo e para ver como meus servidores conterão o riso quando prestarem homenagem a esse simples rústico. Vou dar-lhes conselhos. Felizmente, minha presença bastará para conter o excessivo bom humor que, de outro modo, passaria dos limites aconselháveis. *(Saem.)*

CENA II

Quarto em casa do Lorde[9].
Entra Sly, na parte superior, com servidores;
uns trazem ricos trajes, outros, uma bacia, um jarro
e vários objetos de toucador. Entra o Lorde.

SLY — Pelo amor de Deus, uma caneca de cerveja fraca.

PRIMEIRO SERVIDOR — Vossa Senhoria não deseja beber um cálice de xerez?

SLY — Sou Cristóvão Sly! Não me chameis nem de Excelência nem de Senhoria. Jamais bebi xerez em minha vida, e, se quiserdes dar-me conservas, dai-me conservas de carne de boi. Não me pergunteis jamais qual a roupa que desejo vestir, pois não tenho mais gibões do que costas, mais meias do que pernas, mais sapatos do que pés. Às vezes, mesmo, tenho mais pés do que sapatos, ou tenho sapatos que deixam ver meus dedos pelos buracos da gáspea.

LORDE — Que o céu livre Vossa Excelência desse humor fantástico! Oh! é possível que um homem tão poderoso, de tão alto berço, gozando de uma tal fortuna e de uma tão alta consideração, esteja possuído por um espírito tão indigno?

SLY — Como! Quereis tornar-me louco? Não sou Cristóvão Sly, filho do velho Sly de Burton-heath, mascate de nascimento, cartonageiro por educação, guarda de ursos por transmutação, e agora, por profissão, funileiro? Perguntai a Mariana Hacket, a gorda cervejeira de Wincot[10], se não me conhece. Se ela não disser que lhe devo quatorze *pence* de cerveja pura, considerai-me como o velhaco mais mentiroso da cristandade. Como! Não estou delirando. Aqui está...

TERCEIRO SERVIDOR — Oh! É isto que desola vossa dama!

SEGUNDO SERVIDOR — Oh! É isto que acabrunha vossos servidores!

LORDE — É isto que faz com que vossos parentes fujam de vossa casa, onde são como que repelidos por vossas estranhas loucuras. Ó, nobre lorde! Pensa em teu nascimento. Chama de volta do desterro tuas antigas ideias e desterra esses sonhos abjetos e degradantes. Olha como teus servidores te acompanham, prontos a servir-te, cada um nas suas atribuições, ao menor sinal teu. Desejas ouvir música? Escutai, Apoio está tocando *(Música.)* e vinte rouxinóis cantam nas gaiolas. Ou preferes dormir? Vamos transportar-te para urna cama mais macia do que o leito voluptuoso preparado para Semíramis. Dize que queres passear, nós atapetaremos o caminho. Ou preferes andar a cavalo? Teus cavalos serão encilhados com arneses de ouro e pérola. Gostas de falcoaria? Terás falcões que voarão mais alto do que a cotovia matutina. Preferes a caça? Teus cães farão com que o céu retumbe de latidos e que seja evocado o eco estridente das cavernas!

PRIMEIRO SERVIDOR — Dize que queres caçar lebres. Teus galgos são tão rápidos quanto os cervos de grande fôlego; sim, mais ligeiros do que a corça.

SEGUNDO SERV^{T}.DOR — Gostas de quadros? Vamos procurar-te imediatamente um Adônis pintado junto de um regato e uma Citeréia, toda oculta nos juncais, que seu hálito parece mover e acariciar, como se os ondeantes caniços brincassem com a brisa.

LORDE — Nós te mostraremos Io, no momento em que, ainda virgem, foi seduzida e surpreendida; o quadro parece tão vivo que se acredita estar vendo a coisa.

TERCEIRO SERVIDOR — Ou Dafne errando através de uma floresta de espinhos, arranhando-lhe as pernas, que se poderá jurar que ela sangra e que, diante dessa cena, Apoio, desolado, chora, tão fielmente foram produzidos o sangue e as lágrimas.

LORDE — És um lorde e nada mais do que um lorde! Tens uma esposa muito mais bela do que todas as mulheres destes tempos decadentes.

PRIMEIRO SERVIDOR — Antes que as lágrimas que ela derramou por ti tivessem inundado seu rosto encantador com torrentes invejosas, ela era a mais bela criatura do mundo e mesmo agora ainda não é inferior a nenhuma.

SLY — Sou lorde e tenho por esposa semelhante dama? Estou sonhando? Ou sonhei até agora? Não estou dormindo. Vejo, ouço, falo, sinto perfumes suaves e

toco em brandas coisas. Por minha vida! Sou lorde de verdade e não funileiro, nem Cristóvão Sly! Bem, tragam nossa dama aqui em nossa presença. E, ainda uma vez, uma caneca de cerveja fraca.

SEGUNDO SERVIDOR — Vossa Grandeza não deseja lavar as mãos? Oh! Como estamos contentes vendo vosso juízo restabelecido! Oh! Se puderdes reconhecer, uma vez por todas, quem sois vós! Há quinze anos estais mergulhado em um sonho, e até mesmo acordado parecíeis estar dormindo.

SLY — Há quinze anos! Na verdade, que belo sono! E não falei durante todo esse tempo?

PRIMEIRO SERVIDOR — Oh! sim, milorde, mas somente palavras incoerentes, pois, embora estivésseis aqui neste esplêndido quarto, pretendíeis ainda que tínheis sido atirado pela porta, e ofendíeis a hoteleira ou fazíeis ameaças de citá-la em justiça, porque vos trazia cântaros de greda e não garrafas lacradas. Às vezes, chamáveis Cecília Hacket.

SLY — Sim, a criada da cervejaria.

TERCEIRO SERVIDOR — Como! Senhor, não conheceis a cervejaria, nem semelhante criada, nem tampouco esses homens que nomeais como Estevão Sly, o velho João Naps de Grécia, Pedro Turf e Henrique Pimpinela e outros vinte nomes semelhantes de homens que nunca existiram e que jamais foram vistos!

SLY — Enfim, Deus seja louvado pelo feliz restabelecimento!

TODOS — Amém.

SLY — Muito obrigado, nada terás a perder. *(Entra o Pajem, vestido de dama de qualidade e acompanhado por Servidores.)*

PAJEM — Como está passando meu nobre lorde?

SLY — Ora, estou passando muito bem, pois aqui há bastantes provisões. Onde está minha esposa?

PAJEM — Ei-la aqui, nobre lorde. Que queres com ela?

SLY — Sois minha mulher e não me chamais de vosso esposo? Meus criados

devem chamar-me de senhor; para vós sou vosso mestre.

PAJEM — Meu esposo e meu senhor, meu senhor e meu esposo. Sou vossa esposa com toda obediência.

SLY — Sei disso muito bem. Como devo chamá-la?

LORDE — Madama.

SLY — Alice Madama ou Joana Madama?

LORDE — Madama e nada mais. É assim que os lordes chamam suas damas.

SLY — Madama, minha esposa, dizem que sonhei e dormi durante mais de quinze anos.

PAJEM — Sim, e esses quinze anos me pareceram trinta, tendo estado todo esse tempo longe de vosso leito.

SLY — É muito... Criados, deixai-me só com ela. Senhora, tirai vossa roupa e vinde logo para a cama.

PAJEM — Permiti-me que vos suplique, três vezes nobre lorde, que vos digneis de escusar-me por uma ou duas noites, ou, ao menos, até que o sol se ponha. Vossos médicos ordenaram expressamente, sob pena de causar-vos uma recaída, que não compartilhe ainda de vosso leito. Espero que essa razão me servirá de escusa.

SLY — A situação é tal que terei que fazer grande esforço para esperar tanto tempo; mas não quero recair novamente nos meus sonhos. Esperarei, pois, a despeito da carne e do sangue. *(Entra um Mensageiro.)*

MENSAGEIRO — Os comediantes de Vossa Excelência, tendo tido conhecimento de vosso restabelecimento, vieram representar uma encantadora comédia, pois assim determinaram vossos médicos vendo o muito que a tristeza congelou vosso sangue e que a melancolia é a nutriz do frenesi. Por conseguinte, pensaram que seria bom que escutásseis uma peça que dispusesse vosso espírito à alegria e ao regozijo, os quais previnem mil males e prolongam a vida.

SLY — Muito bem! Concordo! Que a representem! Uma comédia[11] não é

algo semelhante às brincadeiras de Natal ou às acrobacias de saltimbancos?

PAJEM — Não, meu bondoso senhor; é de estofo mais agradável.

SLY — Como! Um estofo caseiro?

PAJEM — É uma espécie de estória.

SLY — Bem, vamos ver isso. Vamos, madama, minha mulher, sentai-vos ao meu lado, deixai o mundo girar. Nunca seremos mais jovens. *(Fanfarra.)*

ATO I

CENA I

Uma praça pública de Pádua.
Entram Lucêncio e seu criado Trânio.

LUCÊNCIO — Trânio, já que para satisfazer meu vivo desejo de ver a formosa Pádua, berço das artes, cheguei à fértil Lombardia, aprazível jardim da grande Itália e, graças ao amor e permissão de meu pai, encontro-me amparado por sua boa vontade e por tua boa companhia, meu fiel servidor a toda prova, respiremos aqui um pouco e comecemos com felicidade um curso de sabedoria e de estudos engenhosos. Pisa, célebre pela gravidade de seus cidadãos, deu-me o ser, como o deu a meu pai, mercador de grandes relações, chamado Vicêncio, descendente dos Bentivoglio. O filho de Vicêncio, educado em Florença, realizará as esperanças fundadas nele, ao adornar sua fortuna com ações virtuosas. E assim, Trânio, durante o tempo de meus estudos, aplicar-me-ei à virtude e àquela parte da filosofia que trata da felicidade que a virtude procura especialmente. Dize-me o que pensas, pois abandonei Pisa e vim a Pádua como um homem que deixa um charco pouco profundo para mergulhar num oceano e procura com ânsia estancar a sede.

TRÂNIO —*Mi perdonate,* meu gentil amo. Em tudo compartilho vossos sentimentos, feliz em que prossigais assim em vossa resolução de aspirar as doçuras da doce filosofia. Somente, meu bom senhor, enquanto admiramos esta virtude e esta disciplina moral, não nos convertamos, por favor, em estoicos ou insensíveis. Não sejamos tão devotos das restrições de Aristóteles, que consideremos Ovídio como um proscrito digno de ser repudiado. Julgai a lógica com o conhecimento que tenhais dela e praticai a retórica em vossa conversação

ordinária; cultivai a música e a poesia para estimular-vos; só tomeis das matemáticas e da metafísica o que possa digerir vosso estômago; não traz proveito aquilo que não agrada. Em uma palavra, senhor, estudai o que mais vos agradar.

LUCÊNCIO — Muito obrigado, Trânio, por teu excelente conselho. Biondello, se te encontrasses nestas paragens, poderíamos tomar imediatamente nossas medidas e procurar um albergue para receber dignamente os amigos que não tardaremos a encontrar. Mas paremos um pouco: quem são essas pessoas?

TRÂNIO — Meu amo, sem dúvida uma delegação para dar-nos as boas-vindas na cidade. *(Entram Batista, Catarina, Bianca, Grêmio e Hortênsio. Lucêncio e Trânio permanecem à parte, sem tomar parte na cena.)*

BATISTA — Senhores, não me importuneis mais; conheceis minha firme resolução de não conceder a mão de minha filha mais moça, sem antes haver encontrado marido para a mais velha. Se um de vós ama Catarina, como vos conheço e quero bem, terá minha permissão para cortejá-la à vontade.

GRÊMIO — (À *parte.)* Seria preferível levá-la em carreta[12]! É muito rude para mim. Vamos ver, Hortênsio: servirá para vossa esposa?

CATARINA — Por favor, senhor, quereis converter-me em alvo do ridículo destes pretendentes?

HORTÊNSIO — Pretendentes, senhorita! Que pretendeis significar com isto? Não haverá pretendentes para vós, enquanto não fordes mais amável e doce.

CATARINA — Na verdade, senhor, nada tendes a temer. Não estais ainda no meio do caminho de meu coração. De outro modo, não duvideis de que meu único cuidado seria pentear vossa cabeça com urna tripeça, borrar-vos a cara e tratar-vos como um idiota!

HORTÊNSIO — De demônios semelhantes, livrai-nos, é, bom Deus!

GRÊMIO — E a mim também, bom Deus!

TRÂNIO — Silêncio, patrão! Estamos assistindo a um bom passatempo. Essa moça está completamente louca ou é assombrosamente insolente.

LUCÊNCIO — Mas, estou vendo, no silêncio da outra, a timidez e a reserva de uma doce virgem. Silêncio, Trânio!

TRÂNIO — Muito bem dito, senhor! Fiquemos quietos e olhai à vontade.

BATISTA — Senhores, que meus atos respondam em breve o que disse... Bianca, entra e não fiques desgostosa, boa Bianca, pois não te amarei menos por causa disso, minha filha.

CATARINA — Que menina mais mimada! ...Seria melhor meter um dedo no olho dela que ela responderia.

BIANCA — Minha irmã, ficai contente com meu descontentamento! Senhor, submeto-me, humildemente, à vossa vontade. Meus livros e instrumentos me servirão de companhia; estudarei e praticarei sozinha com eles.

LUCÊNCIO — Escuta, Trânio! Minerva está falando!

HORTÊNSIO — *Signior* Batista, sereis tão original? Sinto que nossa boa vontade seja a causa do pesar de Bianca.

GRÊMIO — Quereis encarcerá-la, *Signior* Batista, por causa deste demônio do inferno e fazê-la responsável pela língua da irmã?

BATISTA — Cavalheiros, conformai-vos. Minha resolução é inquebrantável. Retira-te, Bianca. *(Sai Bianca.)* Como sei que ela faz da música, dos instrumentos e da poesia sua maior delicia, trarei para minha casa professores capazes de instruir-lhe a juventude. Se vós, Hortênsio, ou vós, *Signior* Grêmio, conheceis alguns em condição, apresentai-os aqui, pois serei muito afável e generoso com os homens instruídos, a fim de que minhas filhas recebam uma boa educação. E com isto, adeus. Catarina, podeis ficar, porque é com Bianca com quem tenho mais que conversar. *(Sai.)*

CATARINA — Como! E eu creio que posso também ir embora. Não posso? Será que vão cortar-me as horas? Como se, aparentemente, eu não soubera o que é preciso agarrar e o que é preciso deixar! Ora! *(Sai.)*

GRÊMIO — Podeis ir reunir-vos à mulher do diabo! Vossas qualidades são tão boas, que ninguém quer nada convosco. O amor dela não é tão grande, Hortênsio; mas nós podemos soprar nossos dedos, e deixa-lo perfeitamente

jejuar. Nosso bolo está cru de ambos os lados[13]. Adeus! Entretanto, pelo amor que tenho por minha suave Bianca, se conseguir arranjar um homem erudito, capaz de ensinar-lhe os conhecimentos que lhe causam prazer, eu o enviarei ao pai dela.

HORTÊNSIO — Eu também, S*ignior* Grêmio; mas, permiti-me urna palavra, por favor. Embora a natureza de nossa querela não nos haja permitido ainda entabular conversa, sabei agora, após reflexão, que interessa a nós ambos, que (se quisermos ter acesso, entretanto, a nossa bela amada e sermos afortunados rivais no amor de Bianca) há uma coisa na qual devemos aplicar-nos especialmente.

GRÊMIO — Qual é ela, por favor?

HORTÊNSIO — Ora, senhor, arranjar um marido para a irmã dela.

GRÊMIO — Um marido! Ou um demônio!

HORTÊNSIO — Estou dizendo um marido.

HORTÊNSIO — Efetivamente, como dizeis, pouco há a escolher

GRÊMIO — E eu, um demônio. Acreditas, Hortênsio, que, apesar da fortuna do pai, haverá homem tão louco para procurar casamento no inferno?

HORTÊNSIO — Grêmio, embora seja acima de vossa paciência e da minha suportar-lhe os desaforos, acreditai, meu caro, que existem bons rapazes no mundo (a questão é achá-los), que a aceitariam com todos os defeitos e um bom dote.

GRÊMIO — Não sei o que responder, mas, se tivera que apanhar o dote com essa condição, preferiria ser açoitado todas as manhãs no pelourinho.

HORTÊNCIO — Efetivamente, como dizeis, ouço há a escolher entre maçãs podres. Mas, vinde; como este obstáculo legal nos torna amigos, mantenhamos esta amizade até o dia em que, tendo encontrado um marido para a filha mais velha de Batista, tenhamos devolvido a liberdade à mais moça, para escolher o seu, e fiquemos rivais novamente. Doce Bianca! Feliz o homem a ela destinado! Ao corredor mais rápido, o anel[14]. Que achais, *Signior* Grêmio?

GRÊMIO — Estou de acordo e entregarei o melhor cavalo de Pádua a quem lhe fizer a corte, a seduzir, casar com ela, dormir com ela e tornar a casa livre dela! Vamos. *(Saem Grêmio e Hortênsio.)*

TRÂNIO — Por favor, senhor, dizei-me se é possível que o amor se apodere tão repentinamente de um homem?

LUCÊNCIO — Ó Trânio, antes que eu tivesse a experiência, nunca teria acreditado que fosse possível, nem mesmo provável! Mas, vê: enquanto aqui estava olhando despreocupadamente, senti o efeito do amor na despreocupação. E agora, confesso-te com toda a franqueza, a ti, meu confidente, que me é tão caro quanto Ana[15] à rainha de Cartago, Trânio, ardo, desfaleço, sucumbo, Trânio, se não conseguir o amor dessa jovem e modesta donzela. Aconselha-me, Trânio, pois estou certo de que o farás. Ajuda-me, Trânio, porque sei que o queres.

TRÂNIO — Senhor, agora não é o momento para censurar-vos. Não se bane uma afeição do coração com reprimendas. Se o amor vos feriu, só vos resta fazer uma coisa: *redime te captus quam queas minimo*[16].

LUCÊNCIO — Muito obrigado, rapaz, prossegue. O que tu dizes me satisfaz. Para consolar-me, basta ouvir teus conselhos.

TRÂNIO — Senhor, olháveis tão ternamente para a jovem que talvez não reparastes no essencial.

LUCÊNCIO — Oh! sim. Notei-lhe nas feições a doce beleza, semelhante à da filha de Agenor[17], que obrigou o grande Júpiter a humilhar-se diante dela e a beijar com os joelhos as margens de Creta.

TRÂNIO — Não vistes mais nada? Não notastes como a irmã começou a resmungar e levantou uma tal tormenta, que os ouvidos mortais dificilmente podiam suportar o barulho?

LUCÊNCIO — Trânio, vi que se moviam seus lábios de coral e que perfumava o ar com a respiração. Tudo que vi nela era celeste e doce!

TRÂNIO — Vamos, já está na hora de fazê-lo sair do êxtase. Despertai, por obséquio, senhor. Se amais esta jovem, que vossos pensamentos e todo vosso engenho se encaminhem para conquistá-la. A situação está neste pé. A irmã mais velha é tão maldita e má, que até que o pai se haja desembaraçado dela, vosso

amor viverá castamente no lar. Por este motivo, prendeu a mais moça, a fim de que não seja importunada pelos pretendentes.

LUCÊNCIO — Ah, Trânio! Como ele é um pai cruel! Mas não notaste que ele se preocupa em arranjar-lhe preceptores hábeis para instruí-la?

TRÂNIO — Sem dúvida que sim, senhor, e agora o plano já está elaborado.

LUCÊNCIO — Já o possuo, Trânio.

TRÂNIO — Senhor, juraria que nossas ideias se combinam e se confundem numa só.

LUCÊNCIO — Conta-me, primeiro, a tua.

TRÂNIO — Vós sereis o professor e vos encarregareis de instruir a jovem. Eis o vosso projeto.

LUCÊNCIO — Isto mesmo. Pode ser posto em execução?

TRÂNIO — Impossível. Quem iria representar vosso papel e seria aqui, em Pádua, filho de Vicêncio? Quem manteria a casa, se ocuparia com os livros, receberia os amigos, visitaria os compatriotas e os convidaria aos jantares?

LUCÊNCIO — Basta[18]. Acalma-te. Meu plano está pronto. Embora não tenhamos sido vistos em casa alguma e ninguém saiba distinguir pelos nossos rostos o criado do patrão, mesmo assim, tu serás o patrão, Trânio, e ficarás no meu lugar; manterás uma casa, lerás tratamento e criados como se eu mesmo os tivesse. Eu serei outro homem, um florentino, um napolitano, ou um pobre-diabo de Pisa. Está decidido; assim será feito. Trânio, tira tua roupa imediatamente, toma meu chapéu e minha capa de cor[19]. Quando Biondello chegar, ficará às tuas ordens; mas quero recomendar-lhe antes de mais nada que tenha cuidado com a língua.

TRÂNIO — É necessário. Numa palavra, senhor, já que assim vos agrada e me comprometi a obedecer-vos — pois quando partimos vosso pai me encarregou expressamente: “Obedece a meu filho”, disse-me ele, se bem que o entendesse, suponho, num sentido diferente —, sinto prazer em ser Lucêncio, porque tenho grande amizade por Lucêncio.

LUCÊNCIO — Sê Lucêncio, Trânio, pelo amor de Lucêncio, e permite-me que me converta em escravo para conquistar essa donzela, cuja repentina contemplação enfeitiçou meus olhos. Aqui está chegando o tratante. *(Entra Biondello.)* Por onde andaste, rapaz?

BIONDELLO — Por onde andei? Ora, essa! Onde estais vós? Senhor, meu companheiro, Trânio, roubou vossas roupas? Ou será que roubastes as dele? Ou vos roubastes mutuamente? Por favor, o que aconteceu?

LUCÊNCIO — Aproximai-vos, rapaz! Não é hora de gracejar. Por conseguinte, mudai de atitude. Aqui vosso camarada Trânio, para salvar-me a vida, vestiu minhas roupas e tomou meu lugar, e, eu, para minha salvaguarda, fiquei com as dele; pois, logo ao chegar, houve uma contenda, matei um homem e tenho receio de ser descoberto. Ordeno-vos que lhe obedeçais, como for preciso, enquanto vou afastar-me daqui para salvar minha vida. Vós me compreendeis?

BIONDELLO — Eu, senhor? Nem um pouco.

LUCÊNCIO — E nem a menor alusão a Trânio em vossa boca. Trânio se converteu em Lucêncio.

BIONDELLO — Melhor para ele! Quisera que houvesse acontecido comigo!

TRÂNIO — Eu também queria, rapaz, se por causa disso Lucêncio se casasse com a filha mais moça de Batista! Mas, eu vos aconselho, por respeito não a mim, mas a meu patrão, que vos conduzais com discrição em toda espécie de sociedade. Quando estiver sozinho, serei então Trânio; mas, em qualquer outro lugar, sou vosso patrão Lucêncio!

LUCÊNCIO — Vamos embora, Trânio. Só te falta fazer uma coisa. Vais colocar-te entre o número dos pretendentes dela. Se me perguntas por quê, basta que saibais que minhas razões são boas e importantes. *(Saem. Falam os personagens do Prólogo.)*

PRIMEIRO SERVIDOR — Milorde, estais cochilando. Não estais prestando atenção à peça.

SLY — Estou sim, por Santa Ana! Uma boa peça, não há dúvida. Ainda vai continuar?

PAJEM — Milorde, mal acaba de começar.

SLY — Uma excelente obra-prima, senhora dama. Quisera que já tivesse acabado. *(Assentam-se e prestam atenção.)*

CENA II

Diante da casa de Hortênsio, em Pádua.
Entram Petruchio e seu criado Grúmio

PETRUCHIO — Verona, despeço-me de ti por algum tempo para ver meus amigos em Pádua, especialmente o preferido e mais fiel de todos, Hortênsio. Se não me engano, aqui está a casa dele. Vem aqui, Grúmio! Vamos, bate!

GRÚMIO — Bater, senhor! Em quem devo bater? Alguém ofendeu Vossa Excelência[20]?

PETRUCHIO — Vilão, estou te dizendo para bater aqui e pronto!

GRÚMIO — Bater-vos aí, senhor? Por quê? Quem sou eu, senhor, para bater-vos aí?

PETRUCHIO — Vilão, estou dizendo para bater-me nesta porta e bate bem, senão te abrirei a cabeça de pancadas!

GRÚMIO — Meu amo se tornou brigão... Se vos batesse agora, bem sei que daqui a pouco levaria a pior.

PETRUCHIO — Não queres bater? Palavra de honra, tratante, se não quiseres bater, vou torcer-te as orelhas! Quero ver se sabes solfejar o sol e o fá! *(Torce-lhe as orelhas.)*

GRÚMIO — Socorro, senhores, socorro! Meu patrão está doido!

PETRUCHIO — Agora, tocarás quando eu te mandar, tratante! Vilão! *(Entra Hortênsio.)*

HORTÊNCIO — Que há? Que aconteceu? Meu velho amigo Grúmio! E meu bom amigo Petruchio! Como estais passando em Verona?

PETRUCHIO — *Signior* Hortênsio, vindes para fazer a paz? *Com tutto il core ben trovato,* posso dizer-vos.

HORTÊNSIO — *Alia nostra casa ben venuto, molto honorato signor mio Petruchio.* Levanta-te, Grúmio, levanta-te! Vamos resolver esta briga.

GRÚMIO — Não. Pouco importa tudo que ele alegue em latim! Dizei-me se não é para mim um motivo legal para deixar-lhe o serviço. Escutai, senhor. Ele mandou que batesse nele e com pancadas bem fortes. Bem, seria conveniente que um criado procedesse assim com o patrão, que, tanto quanto possa saber, tenha, talvez, mais ou menos trinta e dois anos? Quisera Deus que eu lhe houvesse batido primeiro! Só assim Grúmio não teria levado a pior!

PETRUCHIO — Vilão estúpido! Bom Hortênsio, ordenei a este ordinário que batesse na vossa porta e não pude conseguir que ele fizesse nada.

GRÚMIO — Bater na portal... Ó céus! Não haveis ordenado claramente: “Rapaz, bate-me aqui, bate-me bem forte aqui, bate-me bem e bate-me com toda a força”? E agora pretendeis que se tratava de “bater na porta”[21]?

PETRUCHIO — Vai embora ou não fales nada, estou te avisando.

HORTÊNSIO — Paciência, Petruchio. Sou o fiador de Grúmio. Sem dúvida, é uma discussão lamentável entre ele e vós, vosso antigo, fiel e divertido servidor Grúmio. E agora, dizei-me, querido amigo, que vento feliz vos trouxe da velha Verona aqui a Pádua?

PETRUCHIO — O vento que dispersa os jovens através do mundo para buscar novidades longe do lar, onde se adquire pouca experiência. Em poucas palavras, *Signior* Hortênsio, eis a minha situação: Antônio, meu pai, acaba de morrer e eu me lancei nesse labirinto para casar-me bem e prosperar o melhor que puder. Possuo coroas na minha bolsa, bens em casa e assim parti para o estrangeiro, desejando ver o mundo.

HORTÊNSIO — Petruchio, queres que te fale sem rodeios? Queres que te apresente a uma esposa irritadiça e desagradável? Apenas terás que agradecer-me o oferecimento: e, entretanto, eu te prometerei que será rica, e muito rica.

Mas, tu és tão meu amigo que não poderia desejar-te ver casado com ela.

PETRUCHIO — *Signior* Hortênsio, entre amigos como nós, poucas palavras bastam. E assim, se conheces uma mulher bastante rica para converter-se em esposa de Petruchio, como a riqueza é o estribilho de minha canção matrimonial, seja ela tão feia quanto a amante de Florênci[22], tão velha quanto a Sibila[23] e tão abominável e bravia quanto Xantipa de Sócrates, ou, pior ainda, não me espantará, ou, ao menos, não embotará o fio da paixão, mesmo que seja tão furiosa como o mar Adriático. Venho para casar-me ricamente em Pádua; e se casar-me ricamente em Pádua, casar-me-ei com toda a felicidade.

GRÚMIO — Notai, senhor, que vos disse francamente o que pensa. Sendo assim, dai-lhe ouro em abundância, casai-o com uma boneca, com uma figurinha, de joia, ou uma velhota desdentada, embora tenha tantas doenças quanto cinquenta e dois cavalos. Ora, ninguém achará mal, desde que encontre dinheiro.

HORTÊNSIO Petruchio, já que levamos as coisas tão longe, continuarei o que por brincadeira havia começado. Posso arranjar-te, Petruchio, uma esposa bastante rica, jovem, formosa e educada, como convém a uma dama de qualidade. Seu único defeito (e bastante grave) consiste em ser intoleravelmente brusca, irritada e voluntariosa, a um ponto tal que, mesmo que minha situação fosse pior do que é, nem por uma mina de ouro eu me casaria com ela.

PETRUCHIO — Basta, Hortênsio! Não conheces a virtude do ouro. Dize-me o nome do pai dela, e é quanto basta. Porque pretendo abordá-la, embora grite tão alto quanto um trovão quando rasga as nuvens do outono.

HORTÊNSIO — O pai dela é Batista Minola, gentil-homem afável e cortês. Ela se chama Catarina Minola, famosa em Pádua pela língua terrível.

PETRUCHIO — Conheço o pai dela, bem que não a conheça, e ele conhecia muito meu falecido pai. Não dormirei, Hortênsio, enquanto não a vir. Desculpai, pois, a liberdade que tomo de deixar-vos tão depressa logo neste primeiro encontro, a não ser que queirais acompanhar-me até lá.

GRÚMIO — Por favor, senhor, deixai-o partir enquanto durar este capricho. Por minha palavra, se ela o conhecesse tão bem quanto o conheço, julgaria perfeitamente inútil fazer-lhe reprimendas. Pode chamá-lo quantas vezes quiser de tratante ou coisa semelhante, porque nada lhe adiantará; mas, assim que ele

começar, não recuará diante da maior insolência. Garanto-vos, senhor, que se ela resistir um momento que seja, ele lhe deixará a marca no rosto e a desfigurará de modo que não mais terá olhos para ver do que os de um gato. Não o conheceis, senhor.

HORTÊNSIO — Espera Petruchio, devo ir contigo, porque meu tesouro está debaixo da guarda de Batista. Mantém sob custódia a joia de minha vida, a filha mais moça, a bela Bianca, ele a oculta de mim, bem como de outros mais que a cortejam e que são meus rivais em amor. Supondo, coisa impossível por causa dos defeitos dos quais já te falei, que Catarina pudesse ser pedida em casamento, Batista tomou essa resolução: ninguém terá acesso até Bianca, enquanto a maldita Catarina não encontrar um marido.

GRÚMIO — Catarina, a amaldiçoada! Lindo título para uma donzela e de todos o pior!

HORTÊNSIO — Agora, meu amigo Petruchio vai prestar-me um favor; consistirá em apresentar-me disfarçado com um traje grave, ao velho Batista, como hábil professor de música que se oferece para instruir Bianca. Ao menos, com este estratagema, terei a liberdade e o prazer de namorá-la e falar-lhe, sem que ninguém desconfie.

GRÚMIO — Não há a menor patifaria! Vede como combinam os jovens para enganar os velhos! *(Entram Grêmio e Lucêncio disfarçados.)* Olhai, senhor! Olhai ao vosso lado! Quem vem aí? Hein?

HORTÊNSIO — Silêncio, Grúmio, é meu rival. Petruchio, fiquemos de longe um momento.

GRÚMIO — Um belo mancebo e um belo amoroso!

GRÊMIO — Oh! muito bem! Examinei a nota[24]. Ouvi bem, senhor, eu os quero ricamente encadernados, e todos livros de amor! Tende cuidado para que não lhe façam outra leitura, vós me compreendeis. Além disto e fora das liberalidades do *Signior* Batista, eu acrescentarei algumas larguezas. Tomai também vossos papéis, e que eles sejam muito bem perfumados, pois aquela a quem se destinam é mais perfumada do que o próprio perfume. Qual será o assunto de vossa lição?

LUCÊNCIO — Tudo quanto ler para ela redundará em vosso favor, em favor

de meu protetor, podeis ficar certo; e isto tão certamente quanto estivésseis em meu lugar; sim e talvez empregue termos mais persuasivos do que vós, senhor, a não ser que sejais um sábio.

GRÊMIO — Oh! a ciência! Que coisa é isto?

GRÚMIO — Que asno é este galo selvagem!

PETRUCHIO — Silêncio, tolo!

HORTÊNSIO — Psiu, Grúmio! Deus vos guarde, *Signior* Grêmio!

GRÊMIO — Tenho grande prazer de encontrar-vos, *Signior* Hortênsio. Sabeis para onde estou me dirigindo?... Para a casa de Batista Minola. Prometi-lhe procurar cuidadosamente um professor para a bela Bianca, e tive a boa sorte de cair sobre este jovem que, pelos conhecimentos e maneiras, é um mestre como ele precisa, muito lido em poesia e em outros livros, nos bons livros, posso garantir-vos.

HORTÊNSIO — Está bem. E eu encontrei, também, um gentil-homem que me prometeu encontrar um excelente músico para instruir nossa amada. Assim, não ficarei atrás em meu dever para com a bela Bianca, a quem tanto amo.

GRÊMIO — E por mim também, como meus atos provarão.

GRÚMIO — E como seus sacos o provarão.

HORTÊNSIO — Grêmio, o momento não é para jogarmos nosso amor ao vento. Escutai-me, e, se fordes razoável, tenho uma notícia muito boa para nós ambos. Aqui está um cavalheiro que encontrei por acaso, e que, de acordo comigo, segundo sua conveniência, vai procurar fazer a corte à maldita Catarina; sim e casar-se com ela, se lhe convier o dote.

GRÊMIO — Assim dito, assim feito, está muito bem. Ele já está ciente de todos os defeitos dela, Hortênsio?

PETRUCHIO — Sei que ela é uma insuportável faladeira. Se for só isso, senhores, não vejo perigo algum.

GRÊMIO — Não? E dizeis assim, amigo? De que país sois vós?

PETRUCHIO — Nasci em Verona, filho do velho Antônio. Falecido meu pai, minha fortuna é suficiente para mim, e espero ver bons e longos dias.

GRÊMIO — Ó senhor! Tal vida com uma tal mulher, seria terrível! Mas, se tendes valor, em nome de Deus, avante! Aqui estou para ajudar-vos em tudo o que puder. Mas, ides fazer a corte a essa gata selvagem?

PETRUCHIO — Quero eu viver!

GRÚMIO — Far-lhe-á a corte? Certamente! Ou eu a enforcarei!

PETRUCHIO — Para que vim aqui, senão com essa intenção? Pensais que com um pouco de barulho vão aturdir minhas orelhas? Já não ouvi em meu tempo rugir os leões? Já não senti o mar, agitado pela ação dos ventos, raivar como um javali furioso, todo suado de espuma? Já não ouvi o canhão troar nos campos de batalha e a artilharia do céu no firmamento? Já não escutei no meio de um combate travado os ressonantes gritos de alarma, o relinchar dos corcéis e o clangor das trombetas? E me falas da língua de uma mulher, que não faz no ouvido a metade do barulho de uma castanha ao estalar no fogo de um lavrador? Ora, ora, guardai vossos espantalhos para fazerem medo às crianças.

GRÚMIO — Porque não tem medo de nada.

GRÊMIO — Escutai, Hortênsio: este cavalheiro chega felizmente, segundo minha alma pressente, tanto para seu próprio bem, quanto para o nosso.

HORTÊNSIO — Prometi-lhe que contribuiríamos para os gastos que lhe causem a conquista, sejam quais forem eles.

GRÊMIO — Concordo, desde que ele consiga conquistá-la.

GRÚMIO — Queria estar também seguro de um bom jantar. *(Entra Trânio, ricamente trajado, em companhia de Biondello.)*

TRÂNIO — Cavalheiros, Deus esteja convosco! Se não for indiscrição, quereis dizer-me, por favor, qual o caminho mais curto para ir à casa do *Signior* Batista Minola?

BIONDELLO — Aquele que tem duas belas filhas? É esse por quem perguntais?

TRÂNIO — Ele mesmo, Biondello.

GRÊMIO — Escutai, senhor. Não quereis falar a...

TRÂNIO — Talvez, a um e a outra, senhor. Que tendes com isso?

PETRUCHIO — Não será à que está sempre zangada, por favor?

TRÂNIO — Não gosto das zangadas, senhor. Biondello, vamos embora.

LUCÊNCIO — Bom começo, Trânio.

HORTÊNSIO — Senhor, uma palavra antes de partirdes. Sois pretendente à mão da jovem de quem falais, sim ou não?

TRÂNIO — E se assim for, haveria alguma ofensa?

GRÊMIO — Não, desde que sem mais uma palavra vos retireis daqui.

TRÂNIO — Por que, senhor? Não são as ruas tão livres para vós quanto para mim?

GRÊMIO — Mas assim não é a jovem.

TRÂNIO — Por que razão, por obséquio?

GRÊMIO — Pela razão, se desejais sabê-la, de que é a eleita do coração do *Signior* Grêmio.

HORTÊNSIO — É também a do *Signior* Hortênsio.

TRÂNIO — Calma, meus senhores. Se fordes gentis-homens, tende a bondade de escutar-me com paciência. Batista é um nobre gentil-homem, a quem meu pai não era totalmente desconhecido; e mesmo que a filha dele fosse menos bela do que é, poderia ainda ter novos pretendentes, estando eu entre eles. A filha da bela Leda[25] teve milhares de adoradores; logo, bem pode ter um a mais a encantadora Bianca. Ela o terá. Lucêncio quer entrar na fila, mesmo que o próprio Paris se apresentasse como rival.

GRÊMIO — Como! Este fidalgo fará com que todos nós calemos?

LUCÊNCIO — Senhor, deixai-o que se vá; sei que vai ficar logo cansado.

PETRUCHIO — Hortênsio, para que servem todas essas palavras?

HORTÊNSIO — Senhor, desculpai a liberdade de minha pergunta: vistes algum dia a filha de Batista?

TRÂNIO — Não, senhor; mas sei que tem duas filhas, uma famosa pela má língua e a outra pela encantadora modéstia.

PETRUCHIO — Senhor, senhor, a primeira é para mim, não vos ocupeis com ela.

GRÊMIO — Sim, deixemos este trabalho para o grande Hércules e ela sobrepujará os doze trabalhos de Alcides.

PETRUCHIO — Senhor, compreendei o que há sobre o caso. A mais moça das filhas, a quem fazeis alusão, se encontra vigiada por um pai que proíbe todo acesso aos pretendentes e não quer prometê-la a nenhum homem enquanto a irmã mais velha não estiver casada. Logo, a mais moça só então ficará livre e não antes.

TRÂNIO — Se for assim, senhor, se sois o homem que virá em auxilio de todos, não só de mim como dos outros, e se romperdes o gelo e realizardes a proeza de triunfar da mais velha e libertar a mais moça, permitindo nosso acesso até ela, ficai seguro de que o homem que a possuir não será tão malnascido a ponto de mostrar-se ingrato convosco.

HORTÉSSIO — Senhor, falais bem, e bem raciocinais; como vossa intenção á ser pretendente, deveis, como nós, manifestar-vos agradecido a este cavalheiro, a quem todos estamos altamente penhorados.

TRÂNIO — Senhor, não serei fraco. Para começar, eu vos proponho passarmos juntos esta tarde e esvaziarmos garrafas à saúde de nossa amada. Façamos como os advogados que, adversários encarniçados diante do juiz, comem e bebem como amigos.

GRÚMIO e BIONDELLO — Oh! excelente proposta! Camaradas, partamos!

HORTÊNSIO — A proposta é, sem dúvida, boa e que assim seja. Petruchio,

serei vosso *ben venuto. (Saem.)*

ATO II

CENA I

Sala da casa de Batista, em Pádua.
Entram Catarina e Bianca.

BIANCA — Bondosa irmã, nem a mim nem a vós mesma, façais a injúria de tratar-me como urna criada e como escrava. Acho que é uma coisa indigna. Quanto a estes outros adornos, soltai-me as mãos, porque eu mesma os desprenderei. Sim, todos os meus vestidos, até minha anágua. Farei tudo o que me mandares, pois conheço meus deveres para com minha irmã mais velha.

CATARINA — Entre todos os teus pretendentes, eu te ordeno que me digas quem mais amas; procura não dissimular.

BIANCA — Acreditai-me, minha irmã, entre todos os homens vivos, ainda não encontrei um rosto especial ao qual possa preferir a um outro.

CATARINA — Mentes, pequena. Não é Hortênsio?

BIANCA — Se vós o amais, minha irmã, juro aqui interceder em vosso favor para que o consigais.

CATARINA — Oh! Então, creio que preferis um mais rico. Grêmio vos agradaria para que vos fizesse bela.

BIANCA — Por causa dele tendes inveja de mim? Vamos, estais brincando e agora bem percebo que nada mais fizestes do que brincar. Peço-vos, Catarina[26], soltai-me as mãos.

CATARINA — Se isto é uma brincadeira, o resto também era. *(Bate em Bianca. Entra Batista.)*

BATISTA — Então? Que é isto? De onde vem esta insolência?... Bianca, retira-te. Pobre pequena! Está chorando. Vai retomar tua agulha. Não te metas mais com ela. Não tens vergonha, mesquinha de espírito endemoninhado? Por que a maltratas, se nunca te fez mal algum? Quando trocou contigo uma palavra descortês?

CATARINA — O silêncio dela me insulta e quero vingar-me. *(Corre atrás de Bianca.)*

BATISTA — Como! Em minha presença? Vai para dentro, Bianca. *(Sai Bianca.)*

CATARINA — Como! Não podeis suportar-me! Agora estou vendo. Ela é vosso tesouro. Deve arranjar um marido. Dançarei descalça no dia do casamento dela; e, pelo amor que lhe tendes, levarei macacos para o inferno[27]. Não me faleis! Vou trancar-me até que encontre uma ocasião para vingar-me! *(Sai.)*

BATISTA — Existiu algum dia um homem tão desditoso quanto eu? Mas, quem está chegando aí? *(Entram Grêmio, Lucêncio, vestido como homem de condição modesta; Petruchio, em companhia de Hortênsio, em traje de músico; e Trânio com Biondello, trazendo um alaúde e livros.)*

GRÊMIO — Bom dia, vizinho Batista.

BATISTA — Bom dia, vizinho Grêmio. Deus vos guarde, senhores!

PETRUCHIO — E vós também, prezado senhor. Por favor, não tendes uma filha cujo nome é Catarina, bela e virtuosa?

BATISTA — Tenho uma filha, senhor, chamada Catarina.

GRÊMIO — Começais muito bruscamente; procedei com mais método.

PETRUCHIO — Estais sendo injusto comigo, *Signior* Grêmio! Deixai-me agir. Senhor, sou um cavalheiro de Verona, que, tendo ouvido falar da beleza de vossa filha, de seu espírito, de sua afabilidade, de sua pudica modéstia, de suas raras qualidades e da doçura de seus modos, tem a ousadia de mostrar-se em

vossa casa, hóspede atrevido, para que seus olhos sejam testemunhas do que lhe foi repetido tão frequentemente. E, como introdução a meu acolhimento, apresento-me a vós com um de meus servidores *(apresentando-lhe Hortêncio),* versado em música e matemática, que instruirá vossa filha nestas ciências, que já sei não lhe são desconhecidas. Aceitai-o, para que não me sinta ofendido. Ele se chama Lício e nasceu em Mântua.

BATISTA — Sede bem-vindo, senhor, e ele também, em consideração a vós. Mas, quanto a minha filha Catarina, estou certo de que ela não poderá convir-vos, o que me faz ficar desolado.

PETRUCHIO — Vejo que vossa intenção é de não vos separardes dela, ou então que minha companhia vos desagrada.

BATISTA — Não leveis a mal minhas palavras. Falo o que sinto. De onde sois, senhor? Que nome devo dar-vos?

PETRUCHIO — Petruchio é meu nome, filho de Antônio, homem bem conhecido em toda a Itália.

BATISTA — Conheço-o muito bem. Sede bem-vindo em consideração a ele.

GRÊMIO — Petruchio, agora que lá falastes, permiti, por favor, que nós, pobres peticionários, também falemos. Um momento! Estais maravilhosamente apressado!

PETRUCHIO — Oh!... Perdoai-me, *Signior* Grêmio; estou disposto a acabar.

GRÊMIO — Não duvido, senhor; mas, arriscais o êxito de vossa causa. Vizinho, eis aqui um presente que vos será muito agradável, estou certo disto. Para recompensar-vos de uma simpatia de que me haveis dado tantas provas, apresso-me a apresentar-vos este jovem sábio *(apresentando-lhe Lucêncio),* que durante longo tempo estudou em Reims, tão versado em grego, latim e outras línguas, como seu colega, em música e matemática. Chama-se Câmbio. Por favor, aceitai os serviços dele.

BATISTA — Mil agradecimentos, *Signior* Grêmio. Bem-vindo, bondoso Câmbio. Mas, amável senhor *(dirigindo-se a Trânio),* tendes o aspecto de estrangeiro. Poderia tomar a liberdade de perguntar-vos a causa de vossa vinda?

TRÂNIO — Perdoai-me, senhor; sou eu quem deve pedir-vos desculpa por minha liberdade. Estrangeiro nesta cidade, tenho a ousadia de pretender a mão de vossa filha, a bela e virtuosa Bianca. Conheço vossa firme resolução de garantir primeiro a irmã mais velha. Só peço um favor: quando conhecerdes minha família, dar-me-eis o mesmo acolhimento igual aos outros pretendentes e me concedais livre acesso e favor como ao resto. Quanto à educação de vossas filhas, aqui vos ofereço este simples instrumento e esta pequena coleção de livros gregos e latinos. Se quiserdes aceitá-los, terão grande valor.

BATISTA — Lucêncio é vosso nome? De onde sois, por favor?

TRÂNIO — De Pisa, senhor; filho de Vicêncio.

BATISTA — Poderoso homem de Pisa. Conheço-lhe bem a reputação. Sois muito bem-vindo, senhor. Pegai no alaúde. E vós, na coleção de livros. Ides imediatamente ver vossas alunas. Olá! Há alguém aí dentro? *(Entra um Criado.)* Rapaz, leva estes senhores até onde estão minhas filhas; e comunica a ambas que são os professores delas; quero que sejam bem tratados. *(Sai o Criado com Lucêncio e Hortênsio, seguidos por Biondello.)* Vamos passear um pouco pelo pomar e depois jantaremos. Sois todos bem-vindos e vos peço que vos considereis todos como tais.

PETRUCHIO — *Signior* Batista, meus assuntos não admitem dilação, e eu não posso vir todos os dias fazer minha corte. Conhecestes meu pai muito bem; sou o único herdeiro de suas terras e de seus bens, que entre minhas mãos antes prosperaram que diminuíram. Nestas condições, se conseguir fazer-me amar por vossa filha, dizei-me: que dote receberei ao torná-la como esposa?

BATISTA — Metade de minhas terras quando falecer e desde já vinte mil coroas.

PETRUCHIO — Em troca desse dote, eu lhe garantirei, se ficar viúva, todas as minhas terras e todos os meus rendimentos, sejam quais forem. Redigiremos, pois, as cláusulas do contrato, a fim de que nossas estipulações sejam observadas por uma e outra parte.

BATISTA — Sim, quando for conseguido o principal, ou seja, o amor de minha filha, pois tudo está dependendo disso.

PETRUCHIO — Ora, isso não é nada. Porque eu vos garanto, meu pai, que

sou tão teimoso quanto ela é orgulhosa; e quando dois fogos violentos se encontram, consomem logo o objeto que lhes alimenta a fúria. Embora um fogo brando se torne forte com um vento fraco, um furacão, entretanto, o apaga rapidamente. Assim agirei eu com ela, e assim ela cederá comigo; porque sou enérgico e não faço a corte como criança.

BATISTA — Que tu possas fazer-lhe a corte e possas ser feliz! Mas prepara-te para receber palavras inconvenientes!

PETRUCHIO — Já estou acostumado, como as montanhas que os ventos não conseguem abalar, mesmo que soprem perpetuamente. *(Volta Hortênsio com a cabeça quebrada.)*

BATISTA — Que aconteceu, meu amigo? Por que estás tão pálido?

HORTÊNSIO — Garanto-os que, se estou pálido, é de medo.

BATISTA — Como! Será que minha filha nunca será uma boa musicista?

HORTÊNSIO — Acho que ela se mostrará melhor como soldado. O ferro pode resistir melhor com ela, mas não os alaúdes.

BATISTA — Como! Então fizeste com que ela quebrasse o alaúde ao tocá-lo?

HORTÊNSIO — Certamente que não; foi ela quem quebrou o alaúde sobre mim. Eu lhe dizia simplesmente que estava enganada nas notas, e segurei-lhe a mão para retificar-lhe o dedilhado, quando, com um movimento de impaciência diabólica, me disse: “Chamais isto de notas? Pois, tocai-as então”. E, com essas palavras, bateu-me com tanta força que o instrumento me atravessou a cabeça. E, assim, fiquei petrificado durante uns momentos, como um homem no pelourinho, olhando através do alaúde, enquanto ela me chamava de velhaco arranhador, músico fracassado e de vinte outros nomes injuriosos, como se tivesse estudado uma lição para melhor insultai-me.

PETRUCHIO — Ah! Pelo Universo, é uma donzela robusta! Amo-a agora dez vezes mais do que antes! Oh! Como estou ansioso para ter uma conversinha com ela!

BATISTA — Bem, vinde comigo e não fiqueis assim tão desanimado. Exercereis vossa profissão com minha filha mais moça. Ela tem tendência para

estudar e fica agradecida com todos os favores que lhe sejam feitos. *Signior* Petruchio, quereis vir conosco ou preferis que mande chamar minha filha Catarina?

PETRUCHIO — Mandai chamá-la, por favor; eu a esperarei aqui. *(Saem Batista, Grêmio, Trânio e Hortênsio.)* E quando chegar, eu lhe farei a corte com toda decisão. Digamos que me injurie; eu lhe direi então que canta tão suavemente quanto o rouxinol. E que franza a fronte; eu lhe direi que tem o olhar tão límpido quanto a rosa matutina, ainda úmida pelo orvalho. Digamos que se mostre muda e não queira falar só palavra; lisonjearei então sua volubilidade e dir-lhe-ei que tem uma eloquência persuasiva. Se disser que me retire, eu lhe agradecerei; como se tivesse mandado que permanecesse ao lado dela durante uma semana. Se negar-se a casar, pedir-lhe-ei para dizer-me quando deverei mandar publicar os banhos e quando deveremos casar-nos. Mas, ei-la que está chegando. E, agora, fala Petruchio. *(Entra Catarina.)* Bom dia, Catita, pois soube que este era o vosso nome.

CATARINA — Ouvistes bem, mas tendes os ouvidos um pouco duros. Os que falam de mim chamam-me de Catarina.

PETRUCHIO — Palavra de honra que estais mentindo. Vosso nome é simplesmente Catita, a boa Catita e, às vezes, Catita, a má; mas, Catita, a mais bela Catita da cristandade; minha melíflua Catita, minha doce Catita... Por conseguinte, Catita, meu consolo, Catita, escuta-me! Tendo ouvido em todas as cidades elogiar tua doçura, tuas virtudes, tua beleza elogiada (não tanto, contudo, quanto merecem), senti-me movido a cortejar-te como minha futura esposa.

CATARINA — Movido! Não é sem tempo. Deixai-vos mover e como viestes, ide embora. Saí daqui. Vi imediatamente que tínheis o ar de móvel.

PETRUCHIO — Como! Que móvel? CATARINA — Um tamborete'.

PETRUCHIO — Disseste bem! Vem e assenta-te em cima de mim.

CATARINA — Os burros foram feitos para carregar e vós também.

PETRUCHIO — As mulheres foram feitas para carregar e vós também.

CATARINA — Não serei o rocim que vos carregará, se é a mim que vos referis.

PETRUCHIO — Ai de mim, bondosa Catita. Não te serei pesado, porque, vendo-te jovem e leve...

CATARINA — Muito leve para deixar-me apanhar por um casca-grossa como vós. Entretanto, peso o que deveria pesar.

PETRUCHIO — Deverá convir-me! Sem dúvida alguma.

CATARINA— Falastes bem, mas como um falcão.

PETRUCHIO — Ó rolinha de lento voo! Que falcão irá apanhar-te?

CATARINA — Oh! para uma rolinha, vai ele buscar um falcão!

PETRUCHIO — Vamos, vamos, minha vespa; na verdade, ficais irritada demais.

CATARINA — Se sou vespa, cuidado com meu ferrão.

PETRUCHIO — Só terei, então, um remédio: arrancá-lo.

CATARINA — Sim, se o imbecil for capaz de saber onde está.

PETRUCHIO — Quem não sabe onde a vespa tem o ferrão? Na cauda[29].

CATARINA — Na sua língua.

PETRUCHIO — Na língua de quem?

CATARINA — Na vossa, se falais de caudas. E sabe o que mais? Adeus.

PETRUCHIO — Como! Com minha língua na vossa cauda? Ora, vinde aqui. Sou um cavalheiro, bondosa Catita.

CATARINA — Vou então experimentar. *(Dá-lhe um tapa.)*

PETRUCHIO — Juro que vos esmurrarei, se baterdes de novo.

CATARINA — E perderíeis as armas de cavalheiro. Se me baterdes, não sois cavalheiro, e se não sois cavalheiro, não precisais de armas[30].

PETRUCHIO — Seríeis um arauto, Catita? Oh! coloca-me então em teu armorial!

CATARINA — Qual é vosso timbre? Uma crista de galo[31]?

PETRUCHIO — Um galo sem crista, contanto que Catita seja minha galinha.

CATARINA — Jamais sereis meu galo. Cantais como um capão.

PETRUCHIO — Vamos, Catita, vamos. Não vos mostreis tão azeda.

CATARINA — É meu modo, quando vejo uma maçã silvestre[32].

PETRUCHIO — Ora, aqui não há nenhuma maçã, e, portanto, não precisais ficar tão irritada.

CATARINA — Há sim, há.

PETRUCHIO — Então, deixai que eu a veja.

CATARINA — Se tivesse um espelho, eu a mostraria.

PETRUCHIO — Como! Estais querendo dizer que mostraríeis meu rosto?

CATARINA — Muito esperto apesar de tão moço.

PETRUCHIO — Por São Jorge! Sou muito mais moço do que vós.

CATARINA — Estais, entretanto, muito acabado.

PETRUCHIO — É por causa das preocupações. CATARINA — Não tenho preocupações.

PETRUCHIO — Ouvi-me, Catita. Garanto-vos que não escapareis assim.

CATARINA — Se ficar, vou irritar-vos. Preciso ir embora.

PETRUCHIO — Não, de modo algum. Eu acho que sois extremamente gentil. Disseram-me que éreis brusca, indômita, desagradável. E, agora, vejo que eram grandes mentiras. Acho-te deliciosa, jovial, extremamente cortês. Só que tens a palavra lenta, mas doce como as flores na primavera. Não sabes franzir o

cenho, nem sabes olhar de soslaio, nem morder os lábios, como as moças geniosas. Enfim, ao invés de sentires prazer em pronunciar palavras injuriosas, recebes teus adoradores com benevolência e afabilidade. Por que o mundo fala que Catita é coxa? O mundo caluniador! Catita é ereta e esbelta como o talo da aveleira, morena como a noz e mais doce que a amêndoa. Oh! Deixa-me ver-te andando! Tu não és coxa!

CATARINA — Idiota, vai dar ordens a teus criados.

PETRUCHIO — Alguma vez, adornou Diana um bosque, como Catita enfeita esta sala com seu ar de princesa? Oh! Sê Diana e que Diana se transforme em Catarina e, então, que Catarina se torne casta e Diana, terna.

CATARINA — Onde estudastes todo este belo discurso?

PETRUCHIO — É um improviso nascido de meu espírito materno.

CATARINA — Mãe espirituosa com um filho estúpido.

PETRUCHIO — Não sou inteligente?

CATARINA — Sim, conservai-vos quente[33].

PETRUCHIO — Tal é minha intenção, doce Catarina, mas em tua cama. Portanto, deixando de lado toda esta conversa, expressar-me-ei em termos claros: vosso pai consente que sejais minha esposa. Vosso dote já está estipulado e, queirais ou não, casar-me-ei convosco. Agora, Catarina, sou o marido que vos convém. Logo, por esta luz que me faz ver tua beleza (beleza pela qual te adoro), tu só deves casar-te comigo, já que nasci para dominar-te e transformar uma Catarina selvagem em uma Catarina submissa como as outras gatinhas[34] caseiras. Está chegando vosso pai. Nada de negativas! Devo e quero casar-me com Catarina. *(Voltam Batista, Grêmio e Trânio.)*

BATISTA — Então, *Signior* Petruchio, como vai indo com minha filha?

PETRUCHIO — Perfeitamente, perfeitamente, senhor! De outra maneira, não poderia acontecer.

BATISTA — Então, minha filha Catarina? Sempre de mau humor?

CATARINA — Estais me chamando de filha? Sem dúvida, estais me dando uma boa prova de ternura paternal querendo casar-me com um semilouco, um rufião furioso, um Jack blasfemador, que acredita poder impor-se com juramentos.

PETRUCHIO — Meu sogro, tanto vós quanto todos aqueles que me falaram dela fostes injustos. Se ela é maldizente, é por política, pois que não é insolente, mas modesta como uma pomba. Não é violenta, mas pacífica como a manhã. Quanto à paciência, é uma segunda Griselda[35] e uma Lucrécia romana pela castidade. E para concluir, chegamos a tão bom acordo que marcamos o domingo próximo para dia de nosso casamento.

CATARINA — Antes te verei enforcado no domingo!

GRÊMIO — Estás ouvindo, Petruchio? Diz que antes te verá enforcado.

TRÂNIO — É assim que tudo está perfeito? Pois então, boa noite para nossa combinação!

PETRUCHIO — Tende paciência, senhores! Eu a escolhi para mim. Se ela e eu estamos contentes, que importa a todos vós? Quando estávamos sós, combinamos que ela continuasse a mostrar-se áspera no meio dos outros. Posso garantir-vos que é incrível como ela me ama. Ó, adorada Catarina! Ela se pendurava em meu pescoço e, de beijo em beijo, dados tão depressa, fazendo juramentos sobre juramentos, que, num abrir e fechar de olhos, ela me conquistara. Oh! Sois ainda noviços! É um mundo a contemplar, quando homens e mulheres estão sós, como um pobre diabo consegue dominar a mais bravia megera. Dá-me tua mão, Catarina! Vou a Veneza comprar o enxoval necessário para o casamento. Preparai a festa, meu sogro, e fazei os convites. Estou certo de que minha Catarina ficará encantadora.

BATISTA — Não sei o que dizer, mas dai-me vossas mãos. Que Deus vos envie alegria, Petruchio! Estamos combinados.

GRÊMIO e TRÂNIO — Amém, dizemos nós. Serviremos de testemunhas.

PETRUCHIO — Adeus, meu sogro, minha esposa e meus senhores. Parto para Veneza. O domingo está próximo. Teremos anéis, todas as espécies de coisas, um brilhante cortejo. E, beija-me, Catita. Domingo, estaremos casados. *(Saem Petruchio e Catarina para lados diferentes.)*

GRÊMIO — Será que já houve um casamento arranjado tão depressa?

BATISTA — Por minha fé, cavalheiros, estou fazendo agora o papel de um comediante que se arrisca loucamente num negócio desesperado.

TRÂNIO — Era uma mercadoria abandonada que se deteriorava a vosso lado. Ou ela vos trará, agora, lucro ou perecerá no mar.

BATISTA — O lucro que procuro é a tranquilidade no casamento.

GRÊMIO — Não tenhais dúvida de que ela fez uma boa aquisição. E agora, Batista, falemos de vossa filha mais moça. Chegou o dia pelo qual ansiávamos há tanto tempo. Sou vosso vizinho e o primeiro dos candidatos.

TRÂNIO — E eu, alguém que ama Bianca muito mais do que possam expressar as palavras ou adivinhar vossos pensamentos.

GRÊMIO — Rapazelho, não podes amar tanto quanto eu.

TRÂNIO — Barba grisalha, teu amor é gelado!

GRÊMIO — Mas, o teu se derrete. Fora, tonto. Esta é a idade que fecunda.

TRÂNIO — Mas a juventude, nos olhos das mulheres, é que floresce.

BATISTA — Acalmai-vos, cavalheiros. Vou arranjar esta questão. Com atos é como se deve ganhar o prêmio. Aquele que puder assegurar à minha filha o melhor dote, esse terá o amor de Bianca. Dizei, *Signior* Grêmio, que podeis assegurar-lhe?

GRÊMIO — Em primeiro lugar, como sabeis, minha casa da cidade se encontra ricamente servida por baixelas de ouro e de prata, bacias e jarros para lavar-lhe as delicadas mãos. Minhas cortinas são todas de tapeçaria de Tiro[36]. Enchi cofres de marfim com minhas coroas; em arcas de cipreste, colchas de tapeçaria, custosos trajes, cortinas e dosséis, fino linho, almofadas turcas enfeitadas de pérolas, estofos de ouro de Veneza bordados a agulha, vasilhas de estanho e cobre, e todas aquelas coisas necessárias para uma casa ou uso doméstico. Além disto, em minha fazenda, tenho cem vacas leiteiras, cento e vinte bois cevados no estábulo, e todo o resto na mesma proporção. Já estou entrado em anos, devo confessar; mas, se amanhã morrer, tudo isso será dela, se

consentir em ser somente minha enquanto eu viver.

TRÂNIO — Este “somente” é a melhor perspectiva. Prestai-me atenção, senhor. Sou o herdeiro de meu pai e filho único. Se puder conseguir vossa filha como esposa, deixar-lhe-ei três ou quatro casas dentro da opulenta Pisa, tão boas quanto as que possui em Pádua o velho *Signior* Grêmio. Além disto, dois mil ducados por ano provenientes de terras férteis, que constituirão sua pensão quando eu tiver falecido. Então, *Signior* Grêmio, não estais em apuros?

GRÊMIO — Dois mil ducados por ano em terras! Todas as minhas terras reunidas não chegam a essa soma. Mas, não importa. Ela terá, além do mais, um galeão que está agora a caminho de Marselha. Então, não ficastes sem ar com o galeão?

TRÂNIO — Grêmio, é sabido que meu pai não possui menos que três galeões, além de duas galeaças e doze sólidas galeras. Eu lhe asseguro tudo isto e duas vezes mais ainda, sobre tudo que oferecerdes.

GRÊMIO — Ofereci tudo o que possuía, não tenho mais nada, e só lhe posso oferecer o que tenho. Se me aceitardes, ela me terá com todos os meus bens.

TRÂNIO — Pois, então, a jovem me pertence, por exclusão de todos os outros, segundo vossa promessa solene. Grêmio está fora de luta.

BATISTA — Devo confessar que vossa oferta é a melhor. Se vosso pai a confirmar, minha filha será vossa. Entretanto, deveis perdoar-me; se morrerdes antes dele, qual será a herança de minha filha?

TRÂNIO — Isto não passa de um sofisma. Ele é velho, eu sou jovem.

GRÊMIO— E os jovens não podem morrer tão bem quanto os velhos?

BATISTA — Bem, cavalheiros; eis o que resolvi. Como sabeis, domingo próximo, casa-se minha filha Catarina. Pois bem, no domingo seguinte Bianca se casará convosco, se obtiverdes a garantia de vosso pai. Caso contrário, ela pertencerá ao *Signior* Grêmio. E, sendo assim, despeço-me de vós e agradeço a ambos.

GRÊMIO — Adeus, bom vizinho. *(Sai Batista.)* Agora, não te tenho medo. Vosso pai, jovem farsante, seria bem ingênuo de vos entregar tudo o que possui,

para que, no declinar da idade, colocasse os pés debaixo de vossa mesa. Que ingenuidade! Uma velha raposa italiana não é tão benfazeja, meu rapaz. *(Sai.)*

TRÂNIO — Maldita seja vossa pele enrugada! Entretanto, fiz frente com uma carta de dez[37]. Meti em minha cabeça fazer a felicidade de meu amo. Não há razão para que o falso Lucêncio não possua um falso pai, chamado Vicêncio. Coisa maravilhosa! Geralmente são os pais que fazem os filhos, mas, neste caso amoroso, graças a minha habilidade, é o filho que faz o pai. *(Sai.)*

ATO III

CENA I

Casa de Batista em Pádua.
Entram Lucêncio, Hortênsio e Bianca.

LUCÊNCIO — Parai, alaudista. Estai-vos revelando muito confiado, senhor. Esquecestes tão depressa a recepção que vos fez sua irmã Catarina?

HORTÊNSIO — Mas, pedante rixento, esta jovem é a padroeira da harmonia celestial. Respeitai, portanto, minha prerrogativa; e quando tivermos dado uma hora de música, podeis consagrar outro tanto à vossa lição.

LUCÊNCIO — Asno absurdo, que nem mesmo leu o bastante para saber por que a música foi inventada! Não foi para recrear a alma do homem depois dos estudos ou dos trabalhos habituais? Deixai-me, então, dar minha lição de filosofia e, quando fizer uma pausa, entrai com vossa harmonia.

HORTÊNSIO — Biltre, não suportarei tuas bravatas!

BIANCA — Vamos, cavalheiros, vós me fazeis uma dupla ofensa brigando por uma coisa que depende de minha escolha. Não sou uma aluna para ser corrigida na escola. Não posso estar sujeita às horas, nem ser escrava do tempo, mas aprendo minhas lições como me agradar. E para cortar toda discussão, sentemo-nos aqui. Pegai em vosso instrumento e tocai-o. Antes que o afineis, a lição dele terá acabado.

HORTÊNSIO — Deixareis a lição dele quando tiver afinado?

LUCÊNCIO — O que nunca acontecerá! Afinai vosso instrumento.

BIANCA — Onde havíamos parado?

LUCÊNCIO — Aqui, senhora:
Hic ibat Simois; hic est Sigeia tellus;
Hic steterat Priami regia celsa senis[38].

BIANCA — Traduzi.

LUCÊNCIO — *Hic ibat*, corno já vos disse antes... *Simois*, sou Lucêncio... *hic est*, filho de Vicêncio de Pisa... *Sigeia tellus*, assim disfarçado para conseguir vosso amor... *Hic steterat*, e o Lucêncio que veio fazer-vos a corte... *Priami* é meu criado Trânio... *regia*, que tomou meu lugar... *celsa senis*, a fim de que possamos enganar o velho Pantaleão[39].

HORTESSIO — Senhora, meu instrumento já está afinado.

BIANCA — Vamos ouvir. Oh! Fora! A corda aguda está desafinada.

LUCÊNCIO — Cuspi na abertura do instrumento, homem, e afinai novamente.

BIANCA — Deixai-me ver agora se posso fazer a tradução. *Hic ibat Simois*, não vos conheço... *hic est Sigeia tellus*, não tenho confiança em vós... *Hic steterat Priami*, tende cuidado para que ele não nos ouça... *regia*, não sejais presunçoso... *celsa senis*, mas não desespereis.

HORTÊNSIO — Senhora, agora já está afinado.

LUCÊNCIO — Sim, menos o baixo.

HORTÊNSIO — O baixo está justo. É o baixo patife que desentoa. (À *parte.)* Como nosso pedante é orgulhoso e cheio de audácia! Por minha vida, o patife faz a corte a meu amor! Pedantezinho[40], vou vigiar-vos com mais cuidado ainda.

BIANCA — Talvez ainda possa crer em vós, entretanto continuo desconfiada.

LUCÊNCIO — Não fiqueis desconfiada; porque, certamente, Ájax era Eácida, assim chamado por causa do nome do avô.

BIANCA — Devo acreditar em meu mestre; do contrário, eu vos garanto que discutiria ainda sobre este ponto. Mas, fiquemos por aqui. Agora, Lício, para vós. Bondosos mestres, não leveis a mal, peço-vos, que haja brincado assim convosco.

HORTÊNSIO — Podeis ir dar uma volta e deixar-me só por um momento. Minhas lições não têm música a três partes.

LUCÊNCIO — Sois tão formal assim, senhor? Bem, devo esperar *(à parte)*, e vigiais, enquanto isso; porque, ou estou muito enganado, ou nosso bom músico está apaixonado.

HORTÊNSIO — Senhora, antes que toqueis o instrumento para aprender comigo o dedilhado, devo começar com os rudimentos da arte. Vou ensinar-vos a escala de uma maneira mais curta, mais agradável, melhor, mais eficaz do que meus colegas ensinaram até agora. Ei-la aqui neste papel, escrita com belos sinais.

BIANCA — Mas, há muito tempo que já aprendi a escala.

HORTÊNSIO — Lede, contudo, a escala de Hortênsio.

BIANCA — (Lê.)
Escala de dó. Sou o conjunto de todos os acordes;
A ré; para defender a paixão de Hortênsio.
B mi; Bianca, aceitai-o como esposo,
C fá, dó; que vos ama com toda afeição.
D sol, ré; uma clave, duas notas tenho eu.
E lá, mi; tende piedade, ou eu morro.
Chamais isto de uma escala? Não gosto dela. Prefiro os métodos antigos. Não sou tão caprichosa para mudar as regras verdadeiras por estranhas invenções. *(Entra um Criado.)*

CRIADO — Senhora, vosso pai pede que deixeis vossos livros e ajudeis a preparar o quarto de vossa irmã. Sabeis que amanhã é o dia do casamento.

BIANCA — Adeus, prezados mestres, tenho necessidade de sair. *(Saem Bianca e o Criado.)*

LUCÊNCIO — Então, senhora, não tenho nenhum motivo para permanecer.

(Sai.)

HORTÊNSIO — Mas eu tenho motivo para espionar este pedante. Parece-me que ele tem o ar de quem está apaixonado. Entretanto, Bianca, se teus pensamentos se rebaixam até o extremo de pousar teus olhos errantes em qualquer um, apodere-se de ti quem quiser. Se alguma vez te encontrar diferente, Hortênsio te abandonará por sentir-te mudada. *(Sai.)*

CENA II

Diante da casa de Batista em Pádua.
Entram Batista, Grêmio, Trânio, Catarina, Bianca, Lucêncio e convidados para o casamento.

BATISTA — *Signior* Lucêncio *(a Trânio),* este é o dia marcado para o casamento de Catarina e Petruchio; entretanto, não sabemos ainda onde está nosso genro. Que vão dizer? Que escândalo, quando o padre, para cumprir o rito cerimonial do enlace, esperar em vão a chegada do noivo! Que pensa Lucêncio desta afronta para todos nós?

CATARINA — Sou eu a afrontada. Coagida a conceder minha mão, apesar de meu coração, a um louco grosseiro, mal-humorado que, depois de haver-me feito corte a toda pressa, pretende casar-se quando lhe convier. Já vos dissera que era um louco, dissimulando críticas amargas sob uma aparência de rude fraqueza. A fim de passar por um homem simpático, faria corte a mil mulheres, fixaria a data do casamento, reuniria os amigos e proclamaria os banhos sem jamais haver tido a intenção de cumprir a promessa. Agora, o mundo apontará a pobre Catarina com o dedo e dirá: “Olhai! Ali vai a mulher do louco Petruchio; se lhe convier, voltará para casar-se com ela”.

TRÂNIO — Paciência, boa Catarina, paciência, Batista. Por minha vida, as intenções de Petruchio são boas, seja qual seja o azar que o impeça de cumprir a palavra. Embora seja brusco, tenho-o em conta de homem razoável; e apesar de parecer brincalhão, é, no entanto, um homem sério.

CATARINA — Quem dera que Catarina nunca o tivesse visto! *(Sai chorando, seguida por Bianca e outros.)*

BATISTA — Vai, minha filha; não posso agora reprovar teu pranto. Uma santa não permaneceria insensível perante tal afronta, com muito mais razão, urna geniosa de humor tão impaciente. *(Entra Biondello.)*

BIONDELLO — Senhor, senhor! Velhas novas e tais novas como nunca as ouvistes!

BATISTA — É uma velha nova? Como pode ser isto?

BIONDELLO — Como! Não é uma nova saber a chegada de Petruchio?

BATISTA — Já chegou?

BIONDELLO — Ora, não, senhor!

BATISTA — Que queres então contar?

BIONDELLO — Ele está chegando.

BATISTA — Quando chegará aqui?

BIONDELLO — Quando estiver onde estou e que possa ver-vos como eu.

TRÂNIO — Mas, conta-nos: quais são as velhas novas?

BIONDELLO — Ei-las aqui. Petruchio, vem com um chapéu novo e um gibão velho, um par de calças velhas, viradas três vezes; um par de botas que foram caixas de vela, uma com fivela, a outra com cordões; uma velha espada enferrujada, tirada do arsenal da cidade, com o punho quebrado e sem bainha; quebrados os metais dos dois talins; o cavalo derreado, com uma velha sela carcomida e estribos diferentes; além disto, atacado de mormo, pelado como um rato; padece de fava, infetado de sarna, cheio de tumores, coberto de esparavões, marcado de icterícia, com as glândulas da garganta incuráveis, completamente inútil por causa das vertigens, roído pelos vermes, a espinha quebrada e espáduas deslocadas, completamente moído e munido de um freio com uma só guia e de uma testeira de pele de carneiro que, à força de haver sido puxada para impedir que o animal tropeçasse, arrebentou em muitos lugares e foi consertada com nós;

uma barrigueira remendada seis vezes e uma retranca de veludo para mulher, tendo duas iniciais com o nome dela primorosamente marcadas com cravos e remendada, aqui e ali, com barbante.

BATISTA — Quem vem com ele?

BIONDELLO — Ó senhor! O lacaio dele, caparaçonado como o cavalo, com uma meia de linho numa perna e perneiras de sarja na outra, presas por um cordão vermelho e azul; um chapéu velho, e o “Humor das quarenta fantasias” colocado em cima ao invés de pena. Um monstro, um verdadeiro monstro no vestir, não tendo qualquer semelhança com um pajem cristão ou com o lacaio de um cavalheiro!

TRÂNIO — Um capricho estranho o terá levado a vestir-se desse modo, bem que, comumente, ande mal vestido.

BATISTA — Fico contente que ele venha, não importa como.

BIONDELLO — Mas, ele não vem, senhor.

BATISTA — Não disseste que ele vinha?

BIONDELLO — Quem? Que Petruchio vinha?

BATISTA — Sim, que Petruchio vinha.

BIONDELLO — Não, senhor, eu disse que o cavalo dele estava chegando carregando-o no lombo.

BATISTA — Bem, dá tudo no mesmo.

BIONDELLO — Não, por São Jaime! Aposto um *penny,* como um cavalo e um homem são mais do que um e, contudo, não são muitos. *(Entram Petruchio e Grúmio.)*

PETRUCHIO — Vamos, onde estão esses galantes? Quem está em casa?

BATISTA — Sede bem-vindo, senhor.

PETRUCHIO — E, não obstante, não venho me sentindo bem.

BATISTA — Entretanto, não estais mancando.

TRÂNIO — Não vindes tão bem vestido como teria desejado.

PETRUCHIO — Tinha necessidade de apressar-me para chegar... Mas, onde está Catarina? Onde está minha encantadora noiva? Como está passando meu sogro? Senhores, dir-se-ia que estais de mau humor. Por que toda esta companhia me olha como se visse algum monumento maravilhoso, um cometa ou um estranho prodígio?

BATISTA — Sabeis, senhor, que hoje é o dia de vosso casamento. Primeiramente, estávamos tristes temendo vossa ausência. Agora, estamos mais tristes ainda, vendo-vos chegar em tão triste estado. Vamos, tirai essa roupa, indigna de vossa posição e desagradável à vista para nossa festa tão solene!

TRÂNIO — E contai-nos que motivos sérios vos prenderam tanto tempo longe de vossa esposa e que vos fizeram aqui chegar tão diferente de vós mesmo?

PETRUCHIO — Seria tedioso de contar e desagradável de ouvir. Basta que saibais que vim cumprir minha palavra, apesar de haver sido obrigado a faltar em alguns pontos. A este respeito, em momento oportuno, eu vos darei minhas desculpas e minhas explicações serão perfeitamente satisfatórias. Mas, onde está Catarina? Há muito tempo que estou longe dela. A manhã está passando. Já devíamos estar na igreja a estas horas.

TRÂNIO — Não vos apresenteis à vossa noiva neste traje tão impróprio. Ide a meu quarto e vesti minhas roupas.

PETRUCHO — Estejais certo de que não farei isso; desejo vê-la assim mesmo.

BATISTA — Mas suponho que não será assim que queirais casar com ela.

PETRUCHIO — Na verdade, exatamente como estou. Por conseguinte, não falemos mais no assunto. Ela deseja casar-se comigo e não com minhas roupas. Se pudesse reparar o que ela em mim gastará, como posso mudar estes pobres trajes, seria melhor para Catarina e melhor ainda para mim. Mas, que insensato sou, por estar conversando convosco, quando deveria ir dar bom dia a minha noiva e selar o título com um beijo amoroso! *(Saem Petruchio e Grúmio.)*

TRÂNIO — Terá suas razões para vestir-se daquele modo. Tratemos de convencê-lo, se for possível, de que deve vestir-se melhor antes de ir para a igreja.

BATISTA — Vou atrás dele para ver em que vai dar tudo isso. *(Saem Batista, Grêmio e convidados.)*

TRÂNIO — Mas, senhor, ao amor de Bianca, importa-nos acrescentar o consentimento do pai dela. A fim de obtê-lo, nas condições que já anunciei a Vossa Senhoria, vou procurar um homem (seja ele qual for, pouco importa, nós o poremos ao corrente do assunto), que será Vicêncio de Pisa e que, aqui em Pádua, dará garantia a uma soma muito maior que a prometida por mim. Assim, vós aproveitareis tranquilamente o objeto de vossas esperanças e casareis com a doce Bianca com o consentimento do pai dela.

LUCÊNCIO — Se meu colega, o professor, não vigiasse tanto os passos de Bianca, poderíamos, quem sabe, casar-nos clandestinamente. Uma vez realizado o casamento, que o mundo dissesse o que quisesse, porque ela seria só minha, a despeito de todo o mundo.

TRÂNIO — Trataremos de lá chegar pouco a pouco, e esperaremos a ocasião mais favorável. Vai ser preciso enganar o barba grisalha, Grêmio, o pai desconfiado, Minola, e o músico excêntrico, o apaixonado Lício. Tudo em consideração a meu amo Lucêncio! *(Volta Grêmio.) Signior* Grêmio, vindes da igreja?

GRÊMIO — Tão prazenteiramente como nunca vim da escola!

TRÂNIO — E a noiva e o noivo já estão de volta?

GRÊMIO — O noivo, estais dizendo? Na verdade, é um palafreneiro, um brutal palafreneiro. A pobre coitada verá de sobra o que ganhou!

TRÂNIO — Pior do que ela? Como! É impossível!

GRÊMIO — Ele? É um diabo, um diabo, um perfeito danado.

TRÂNIO — Então, ela é uma diaba, uma diaba, a mulher do diabo.

GRÊMIO — Chega! Ela é um cordeiro, uma pomba, uma tola ao lado dele.

Vou contar-vos o que aconteceu, Senhor Lucêncio. Quando o padre perguntou se consentia em receber Catarina como esposa, ele exclamou: “Sim, por Deus!” e começou a praguejar em voz tão alta que o sacerdote, completamente estupefato, deixou cair o livro no chão; e como se curvasse para apanhá-lo, o noivo, louco furioso, deu-lhe tal palmada que padre e livro, livro e padre rolaram pelo chão. “Agora”, acrescentou ele, “que os apanhem quem quiser!”

TRÂNIO — E que disse a jovem quando o padre se levantou?

GRÊMIO — Ela tremia e tiritava, enquanto ele batia com o pé e praguejava, como se o vigário tivesse intenção de ridicularizá-lo. Depois de muitas cerimônias, pediu vinho. “À saúde de todos!”, exclamou, como se estivera a bordo, bebendo com os marinheiros depois de uma tempestade. Servido o moscatel de um trago, atirou o resto na cara do sacristão, tendo corno única razão que a barba dele, grisalha, rala e esfaimada, parecia-lhe pedir as sobras do que bebia. Feito isto, pegou a esposa pelo pescoço e deu-lhe um beijo na boca com um estalo tão clamoroso que fez eco em toda a igreja. E vendo isso, corri para aqui cheio de vergonha. E atrás de mim, parece que vêm os convidados. Nunca se viu um casamento tão louco quanto este. Ouvi, ouvi! Estou escutando os menestréis tocarem. *(Música. Voltam Petruchio, Catarina, Bianca, Batista, Hortênsio, Grúmio e o Cortejo.)*

PETRUCHIO — Cavalheiros e amigos, agradeço-vos por vosso trabalho. Sei que tínheis a certeza de jantar hoje comigo, pois havia preparado um soberbo banquete de bodas. Mas, infelizmente, meus negócios me reclamam longe daqui e, por isto, aqui mesmo me despeço de vós.

BATISTA — É possível que queirais partir esta noite?

PETRUCHIO — Devo partir hoje, antes que chegue a noite. Não fiqueis espantados. Se conhecêsseis o motivo, vós me animaríeis a partir, ao invés de ficar. Assim, agradeço toda a honesta companhia que assistiu minha união com a mais paciente, a mais doce e a mais virtuosa das esposas. Jantai com meu sogro, bebei a minha saúde, porque preciso partir. Adeus a todos vós.

TRÂNIO — Deixai-nos pedir-vos que ao menos fiqueis até depois do jantar.

PETRUCHIO — Não é possível.

GRÊMIO — Deixai-nos suplicar-vos.

PETRUCHIO — Não pode ser.

CATARINA — Suplico-vos, também.

PETRUCHIO — Estou contente.

CATARINA — Estais contente de ficar?

PETRUCHIO — Estou contente que me peçais que permaneça; mas, não ficaria, mesmo que me pedísseis muito mais ainda.

CATARINA — Vamos, se me amais, ficai.

PETRUCHIO — Grúmio, meus cavalos!

GRÚMIO — Sim, senhor, já estão prontos! A aveia comeu os cavalos!

CATARINA — Pois, então faze o que quiseres. Hoje, não partirei, não; nem amanhã, até que tenha vontade. A porta está aberta, senhor. Ali está vosso caminho. Podeis ir a trote, enquanto vossas botas estiverem novas. Quanto a mim, só sairei daqui quando me convier. Parece que sereis um marido bem grosseiro, já que assim começais tão francamente.

PETRUCHIO — Ó Catita! Acalma-te, por favor, não fiques irritada.

CATARINA — Quero irritar-me!... Que fizeste? Ficai tranquilo, meu pai! Ficará ele aqui até quando eu quiser.

GRÊMIO — Sim, palavra; vai começar a partida.

CATARINA — Senhores, vamos ao banquete nupcial! Vejo que uma mulher se arrisca a ficar louca, se não tiver gênio para resistir.

PETRUCHIO — Irão tara o banquete; se tu o exigires, Catarina. Obedecei à noiva, todos vós que fostes por ela convidados. Festejai, diverti-vos, e fartai-vos opiparamente! Bebei, em orgia sem limites, pela virgindade dela! Mostrai-vos loucos e alegres, ou ide enforcar-vos! Quanto a minha boa Catarina, deve seguir-me. Não, não é preciso abrir tanto os olhos, nem bater com os pés no chão, nem admirar-se, nem irritar-se. Serei o dono daquilo que me pertence. Ela faz parte de meus bens, meus bens móveis; ela é minha casa, meu mobiliário, meu campo,

meu celeiro, meu cavalo, meu boi, meu burro, meu tudo. Aqui está ela, cuidado quem ouse tocar-lhe! Mostrarei quem sou a quem, atrevidamente, me detenha em meu caminho de Pádua. Grúmio, desembainha tua espada! Estamos cercados de ladrões! Salva tua patroa, se és homem! Não tenhas medo, doce jovem; ninguém te tocará, Catita. Serei teu escudo contra um milhão de inimigos. *(Saem Petruchio, Catarina e Grúmio.)*

BATISTA — Vamos, deixai partir este casal pacífico!

GRÊMIO — Se não tivessem partido depressa, teria morrido de tanto rir.

TRÂNIO — Entre todas as uniões malucas, esta não tem par.

LUCÊNCIO — Senhora, qual é vossa opinião sobre vossa irmã?

BIANCA — É uma louca unida a um louco.

GRÊMIO — Garanto-vos que Petruchio está encatarinado.

BATISTA — Vizinhos e amigos, se a noiva e o noivo se encontram ausentes, não faltarão, para preenchê-los, gulodices na mesa. Lucêncio, vós ocupareis o lugar do marido e Bianca, o da irmã.

TRÂNIO — A bela Bianca vai fazer o ensaio do papel de noiva?

BATISTA — Sim, Lucêncio. Vamos, senhores, partamos! *(Saem.)*

ATO IV

CENA I

Casa de campo de Petruchio.
Entra Grúmio.

GRÚMIO — Fora, fora com todos os rocins fatigados, com todos os patrões loucos e com todos os maus caminhos! Já se viu homem tão batido? Já se viu homem tão enlameado? Já se viu homem tão cansado? Fui enviado na frente para acender o fogo e eles virão depois para se esquentarem. Agora, se não fosse um pequeno pote, que fica logo quente[41], meus próprios lábios poderiam gelar-se em meus dentes, minha língua contra o céu da boca, meu coração contra meu estômago, antes que pudesse sentar-me na lareira para descongelar-me. Mas, soprando no fogo, esquentar-me-ei; porque, considerando o tempo que está fazendo, um homem mais alto do que eu apanharia um resfriado. Olá! Ora viva, Curtis! *(Entra Curtis.)*

CURTIS — Quem está chamando com essa voz tiritante?

GRÚMIO — Um pedaço de gelo! Se dúvidas, podes escorregar de meu ombro ao meu calcanhar, bastando que tomes impulso de minha cabeça ao meu pescoço. Fogo, bondoso Curtis!

CURTIS — Será que virão meu patrão e a esposa, Grúmio?

GRÚMIO — Oh! Sim, Curtis, sim! E, portanto, fogo, fogo; não atires água em cima.

CURTIS — Ela é uma megera tão esquentada como dizem?

GRÚMIO — Era, bom Curtis, antes desta geada. Mas, como sabes, o inverno doma o homem, a mulher e o animal. Por isto, domou meu antigo patrão e minha

nova patroa e eu mesmo, camarada Curtis.

CURTIS — Para trás, bufão de três polegadas[42]! Eu não sou animal!

GRÚMIO — Só tenho três polegadas? Ora, teus cornos devem medir bem um pé e eu tenho o mesmo comprimento. Mas, vais acender o fogo? Ou então vou queixar-me a nossa patroa que já está perto. Sua mão se fará sentir friamente, se fores tão demorado em esquentar-nos.

CURTIS — Por favor, bondoso Grúmio, dize-me, como anda o mundo?

GRÚMIO — O mundo anda frio, Curtis; tudo está frio, exceto no teu trabalho; portanto, acende o fogo. Cumpre o teu dever, para teres o que é devido, porque minha patroa e meu patrão estão quase mortos de frio.

CURTIS — Já está pronto o fogo; e, portanto, bondoso Grúmio, conta-me as novidades.

GRÚMIO — Ora, "olá Joãozinho, olá"[43]! Tantas novidades quantas queiras!

CURTIS — Vamos! Estás pregando tantos logros[44]!

GRÚMIO — Foi por causa do fogo, porque o que me pregou foi um terrível resfriado. Onde está o cozinheiro? A ceia já está pronta, a casa arrumada, as esteiras estendidas[45], tiradas as teias de aranha? Os criados estão usando o novo fustão, as meias brancas e cada empregado os trajes de casamento? Estão bem lavados os cântaros por dentro e as tigelas estão belas por fora[46]? Os tapetes já foram colocados e tudo está em ordem?

CURTIS — Tudo está pronto e, portanto, faze-me o favor, às notícias.

GRÚMIO — Primeiro, fica sabendo que meu cavalo está exausto, e que meu patrão e minha patroa caíram.

CURTIS — Como?

GRÚMIO — Das selas na lama. É uma longa história.

CURTIS — Vamos, conta-me essa história, bondoso Grúmio.

GRÚMIO — Aproxima tua orelha.

CURTIS — Está aqui!

GRÚMIO — Toma lá! *(Dá-lhe um tapa.)*

CURTIS — É o que se chama sentir uma história e não ouvi-la.

GRÚMIO — É a maneira de tornar uma história sensível. Este murro foi só uma chamada a teu ouvido, para que me escutasse. Agora, vou começar: *Imprimis,* descemos uma horrível colina, meu patrão cavalgando na garupa de minha patroa...

CURTIS — Ambos no mesmo cavalo?

GRÚMIO — Que te importa isso?

CURTIS — Importa ao cavalo, ora.

GRÚMIO — Conta tu a história! Se não me tivesses interrompido, terias sabido como caiu o cavalo e ela debaixo do cavalo; saberias em que lamaçal e como ficou toda enlameada; como a deixou com o cavalo em cima dela; como me bateu porque o cavalo dela escorregara; como ela patinhou pela lama para arrancá-lo de cima de mim; como ele praguejava; como ela suplicava, apesar de nunca haver suplicado; como gritei; como os cavalos fugiram; como arrebentou a cabeçada do cavalo dela; como perdi minha retranca; com outras muitas coisas memoráveis que desde agora cairão no esquecimento, e das quais não guardarás a lembrança até o túmulo.

CURTIS — Por essa história, ele é mais terrível do que ela.

GRÚMIO — Sim, e é o que tu e o mais valente entre todos vós reconhecereis quando ele aqui chegar. Mas para que falar sobre isto? Chama Nataniel, José, Nicolau, Filipe, Válter, Biscoitinho e os outros. Faze com que as cabeças deles estejam cuidadosamente penteadas, as librés azuis bem escovadas e as jarreteiras bem uniformes. Dizei-lhes que façam reverência com a perna esquerda e que não ousem tocar num fio da cauda do cavalo de meu patrão, antes de beijarem as mãos dos dois. Todos já estão prontos?

CURTIS — Estão.

GRÚMIO — Chama-os.

CURTIS — Olá! Estão ouvindo? Deveis ir ao encontro de meu patrão para saudar minha patroa.

GRÚMIO — Saudar! Só ela pode dar saúde a si mesma.

CURTIS — Quem não sabe isto?

GRÚMIO — Parece que não sabes. Chamas teus camaradas para que lhe façam a saúde.

CURTIS — Eu os estou chamando para que lhe prestem a homenagem devida.

GRÚMIO — Ela não está precisando dos favores deles. *(Entram vários Criados.)*

NATANIEL — Bem-vindo, Grúmio!

FILIPE — Que há, Grúmio?

JOSÉ — Então, Grúmio?

NICOLAU — Camarada Grúmio!

NATANIEL — Que há, meu velho?

GRÚMIO — Bem-vindo?... Que há?... Então?... Camarada?... Isto é maneira de receber? Agora, meus guapos companheiros, tudo está pronto e todas as coisas estão limpas?

NATANIEL — Tudo está pronto. A que distância se encontra nosso patrão?

GRÚMIO — Muito perto! Já está quase se apeando. De modo que não estejais... Pelo galo da paixão! Silêncio! Estou ouvindo meu patrão! *(Entram Petruchio e Catarina.)*

PETRUCHIO — Onde estão esses criados? Que é isso? Ninguém na porta para segurar meu estribo e pegar meu cavalo! Onde estão Nataniel, Gregório e

Filipe?

TODOS OS CRIADOS — Aqui, aqui, senhor! Aqui, senhor!

PETRUCHIO — Aqui, senhor! Aqui, senhor! Aqui, senhor! Aqui, senhor! Imbecis e insolentes! Como! Ninguém aparece? Nenhuma atenção? Nenhum respeito? Onde está o imbecil que mandei na frente?

GRÚMIO — Estou aqui, senhor. Tão imbecil quanto era antes.

PETRUCHIO — Rústico, atrasadão! Filho da puta! Escravo ignorante! Não te havia dado ordem para que me viesses esperar no parque e trouxesses contigo todos estes miseráveis?

GRÚMIO — Senhor, a roupa de Nataniel não estava ainda terminada, e os escarpins de Daniel estavam descosidos no calcanhar. Não havia tocha acesa para escurecer o chapéu de Pedro e a adaga de Válter estava ainda sem bainha. Só Adão, Ralph e Gregório estavam prontos. Os outros estavam maltrapilhos, velhos e parecendo mendigos, mas tal como estão, ei-los que vieram ao vosso encontro.

PETRUCHIO — Saiam, tratantes, e tragam minha ceia! *(Saem os Criados. Cantando.) Onde está a vida que antes levava...*[47] Onde estão estes... Assentai-vos, Catarina, e sede bem-vinda... Ufa, ufa, ufa, ufa! *(Voltam os Criados com a ceia.)* Então, depressa!... Que é isto? Minha boa e doce Catita, mostrai-vos alegre... Tirai-me as botas, imbecis! Depressa! *(Canta.)*

Era um frade da ordem cinza,
Que ia andando pela estrada...

Fora, canalha! Estás me arrancando o pé! Toma isto e aprende a tirar o outro. *(Bate.)* Ficai alegre, Catita! Água aqui!... Como!... Olá!... Onde está meu lulu Tróilo? Anda e vai buscar meu primo Fernando! Um primo, Catita, a quem deveis beijar para fazerdes amizade com ele... Onde estão meus chinelos?... Essa água não vem? *(Entra um Criado trazendo água.)* Vamos, Catita, lavai as mãos e sede cordialmente bem-vinda... Como! Imbecil, filho da puta! Deixaste cair o jarro? *(Bate.)*

CATARINA — Paciência, por favor. Foi sem querer.

PETRUCHIO — Um filho da puta, um estúpido, um miserável orelhudo! Vamos, Catita, assentai-vos; sei que tendes apetite. Quereis dar graças a Deus, querida Catita, ou quereis que eu dê? Que é isto? Carne de carneiro?

PRIMEIRO CRIADO — Sim.

PETRUCHIO — Quem a trouxe?

SEGUNDO CRIADO — Eu.

PETRUCHIO — Está queimada, como todo o resto da carne!... Que cães!... Onde está o imbecil do cozinheiro? Como vos atrevestes, idiotas, a trazê-la da cozinha e servir-me um prato que não suporto? Vamos, levai isto embora, pratos, copos e tudo o mais! *(Vai atirando a carne e tudo o mais pelo palco.)* Vadios! Escravos ingratos! Que é isto? Estais resmungando? Vamos ajustar contas daqui a pouco!

CATARINA — Por favor, meu marido, não fiqueis tão irritado. A carne estava boa, se vos houvésseis contentado com ela.

PETRUCHIO — Garanto-te, Catita, que estava queimada e ressecada, e estou expressamente proibido de tocá-la. Gera a cólera e enraíza os maus humores. Fora preferível que ambos morrêssemos de fome, sendo, como somos, tão propensos à cólera, que comer carne excessivamente cozida. Tem paciência: Tudo se arranjará amanhã. Quanto a esta noite, jejuaremos juntos... Vem, vou levar-te para teu quarto nupcial. *(Saem. Voltam os Criados, separadamente.)*

NATANIEL — Pedro, já viste coisas semelhantes?

PEDRO — Ele a mata com o próprio gênio dela. *(Volta Curtis.)*

GRÚNIO — Onde está ele?

CURTIS — No quarto dela, fazendo-lhe um sermão sobre a continência! E pragueja, jura e ruge de tal modo, que a pobre coitada não sabe como ficar, como olhar, como falar e permanece como se acabasse de acordar de um sonho... Vamos embora! Vamos embora! Ele está voltando para cá! *(Saem. Volta Petruchio.)*

PETRUCHIO — Assim, comecei meu reinado como político hábil e tenho

esperança de acabá-lo muito bem. Meu falcão está agora excitado pelo jejum e com a barriga vazia e até que se torne amestrado, não convém cevá-lo, pois, então, jamais olharia para a isca. Ainda possuo outro meio de domesticar meu falcão selvagem, de ensiná-lo a vir, e conhecer o chamado do dono, ou seja, mantê-la sob vigilância, como se faz com os milhafres, que se enfurecem, resistem e não querem obedecer. Ela, hoje, nada comeu, nem comerá. Não dormiu a noite passada, nem dormirá esta noite. Do mesmo modo que fiz com a comida, encontrarei algum defeito imaginário para queixar-me da maneira que o leito está feito. E, então, atirarei o travesseiro para um lado, acolchoado para outro, cobertor para mais outro, lençóis para outro canto... Sim, e durante essa complicação, dar-lhe-ei a entender que estou fazendo tudo isto em benefício dela. Em conclusão, ela ficará acordada durante toda a noite, e se por acaso cochilar, praguejarei, gritarei e com a barulhada que fizer, eu a manterei acordada. Este é o meio de matar uma esposa pela delicadeza; e, assim, dominar-lhe-ei o gênio violento e teimoso. Se alguém conhecer um melhor meio para domar uma megera, que o diga. É caridade torná-lo conhecido. *(Sai.)*

CENA II

Diante da casa de Batista, em Pádua.
Entram Trânio e Hortênsia.

TRÂNIO — É possível, amigo Lício, que Bianca pense em outro além de Lucêncio? Posso dizer-vos, senhor, que ela me dá as melhores esperanças.

HORTÊNSIO — Senhor, para convencer-vos de minhas palavras, mantenhamo-nos de lado e observemos como ele dá a lição. *(Entram Bianca e Lucêncio.)*

LUCÊNCIO — Então, senhora, estais tendo proveito com vossas lições?

BIANCA — Que estais lendo, mestre? Respondei-me isto em primeiro lugar.

LUCÊNCIO — Estou lendo o que professo: a Arte de Amar.

BIANCA — E que possais mostrar-vos, senhor, mestre em vossa arte!

LUCÊNCIO — Enquanto vós, doce amada, vos mostrardes a dona de meu coração!

HORTÊNSIO — Vede, rápidos progressos! Dizei-me agora, por favor, se ousaríeis jurar que vossa amada Bianca não ama ninguém tanto no mundo quanto Lucêncio!

TRÂNIO — Ó despeito amoroso! Ó sexo inconstante!... Tenho que confessar-te, Lício, é incrível.

HORTÊNSIO — Não vos enganeis mais. Não sou Lício, nem músico, como pareço. Sou um homem envergonhado de viver com este disfarce por uma mulher capaz de trair um cavalheiro por causa de semelhante poltrão. Ficai sabendo, senhor, que me chamo Hortênsio.

TRÂNIO — *Signior* Hortênsio, ouvi falar muitas vezes de vossa viva afeição por Bianca, e como meus olhos são testemunhas de sua leviandade, quero convosco, se vós o permitis, renunciar a Bianca e a seu amor para sempre.

HORTÊNISIO — Olhai corno se beijam e se acariciam! *Signior* Lucêncio, eis aqui minha mão, com o firme juramento de jamais cortejá-la, renegando-a como criatura indigna das homenagens com que a lisonjeei até agora.

TRÂNIO — E aqui faço o mesmo juramento de jamais casar-me com ela, mesmo que me implorasse! Fora com ela! Vede que ternuras bestiais tem ela com ele!

HORTÊNSIO — Quisera que todo o mundo, menos ele, a abandonasse. Quanto a mim, a fim de permanecer fiel a meu juramento, casar-me-ei dentro de três dias com uma rica viúva, que não cessou de amar-me durante o tempo em que amei esta orgulhosa de desdém feroz. E com isto, adeus, *Signior* Lucêncio. Na mulher, é a bondade e não a beleza exterior o que, de hoje em diante, conquistará o meu amor. Despeço- me de vós, pois, resolvido a levar avante o que jurei. *(Sai.)*

TRÂNIO — Senhora Bianca, o céu vos conceda toda a felicidade que podem ter os amantes felizes! Eu vos surpreendi de repente, lindo amor, e renunciei a vós junto com Hortênsio.

BIANCA — Estais brincando, Trânio. Renunciastes ambos a mim?

TRÂNIO — Renunciamos, senhora.

LUCÊNCIO — Então, estamos livres de Lício.

TRÂNIO — Juro que sim; arranjou uma quem pensa agora cortejar e casar-se num dia.

BIANCA — Deus lhe dê alegria!

TRÂNIO — Sim, e ele a domará.

BIANCA — Segundo diz ele, Trânio.

TRÂNIO — Por minha fé, ele foi para uma escola onde se aprende a domar.

BIANCA — Uma escola de domador? Como! Existe coisa semelhante?

TRÂNIO — Sim, senhora, e Petruchio é o mestre; ele ensina infinitos truques para domar uma megera e encantar a língua de uma faladeira. *(Entra Biondello.)*

BIONDELLO — Ó senhor, senhor! Estive tanto tempo de espreita que estou exausto; mas, enfim, surpreendi um ancião respeitável descendo a colina e que poderá servir-vos.

TRÂNIO — Como é ele, Biondello?

BIONDELLO — Senhor, é um mercador ou um pedagogo, não sei bem ao certo; mas, pela gravidade das roupas que veste, do andar e do aspecto, tem o ar de um pai.

LUCÊNCIO — E que faremos com ele, Trânio?

TRÂNIO — Se for crédulo e der crédito a minha história, ficará honrado em passar por Vicêncio e dará a garantia a Batista Minola, como se fora o verdadeiro Vicêncio. Levai vossa bem-amada e deixai-me só. *(Saem Lucêncio e Bianca. Entra um Pedagogo.)*

PEDAGOGO — Deus esteja convosco, senhor!

TRÂNIO — E convosco também, senhor! Sede bem-vindo. Viajais para mais

longe ou estais no fim de vossa viagem?

PEDAGOGO — Senhor, encontro-me no fim por uma semana ou duas. Depois, reiniciarei a viagem até Roma, para tocar, por último, em Trípoli, se Deus me conceder vida.

TRÂNIO — De que país sois vós, por favor?

PEDAGOGO — De Mântua.

TRÂNIO — De Mântua, senhor? Ora, que Deus não permita! E vindes para Pádua sem temer por vossa vida?

PEDAGOGO — Minha vida, senhor! Como, por favor? Isto está se tornando sério.

TRÂNIO — Todo habitante de Mântua que vier a Pádua está condenado à morte. Não sabeis a causa? Vossos navios foram apreendidos em Veneza e o duque (por causa de uma briga particular entre vosso duque e ele) mandou publicar e proclamar por toda a parte a dita penalidade. É assombroso! Mas, é preciso que sejais um recém-chegado pois, não fora assim, teríeis ouvido à proclamação.

PEDAGOGO — Ai de mim, senhor! Existe coisa ainda pior para mim, porque sou portador de letras de câmbio de Florença, que devo resgatar aqui.

TRÂNIO — Bem, senhor; por gentileza convosco, vou fazer uma coisa. Eis o que vos aconselho... Mas, antes de mais nada, dizei-me: estivestes alguma vez em Pisa?

PEDAGOGO — Sim, senhor, estive em Pisa várias vezes. Pisa é afamada pela gravidade de seus cidadãos.

TRÂNIO — Entre eles conheceis um chamado Vicêncio?

PEDAGOGO — Não o conheço, mas ouvi falar dele. É um mercador incomparavelmente rico.

TRÂNIO — É meu pai, senhor, e, para dizer verdade, ele é um pouco parecido convosco de rosto.

BIONDELLO — (À *parte.)* Tanto quanto uma maçã com uma ostra.

TRÂNO — Para salvar-vos a vida neste apuro, vou fazer-vos um favor e vereis que não é mau negócio parecer-se com Vicêncio. Tomareis o nome dele, passareis por ele e sereis amistosamente alojado em minha casa. Procurai desempenhar com cuidado vosso papel, entendei-me bem, senhor. Deste modo, podereis permanecer na cidade até o fim de vossos negócios. Se isto puder ser-vos agradável, aceitai minha oferta, senhor.

PEDAGOGO — Ó senhor, aceito. E sempre vos considerarei como salvador de minha vida e de minha liberdade.

TRÂNIO — Vinde então comigo para pôr a coisa em execução. A este respeito, devo prevenir-vos que meu pai é esperado aqui de um dia para outro, a fim de firmar um contrato de matrimônio. Vou casar-me com a filha de um certo Batista. Vou colocar-vos a par de todas estas circunstâncias. Acompanhai-me para vestir-vos como convém. *(Saem.)*

CENA III

Sala na casa de Petruchio.
Entram Catarina e Grúmio.

GRÚMIO — Não, não, deveras,não ousarei, por minha vida!

CATARINA — Quanto pior me trata, mais finge gostar de mim. Casou-se comigo para fazer-me morrer de fome? Os mendigos que pedem na porta de meu pai só precisam estender a mão para receberem a esmola. Se não lhes é dada, encontram a caridade noutra parte. Mas eu, que nunca pedi nada, que jamais tive necessidade de nada, estou com fome por falta de alimentos e estonteada por falta de sono. Os praguejamentos me mantêm acordada e o barulho substitui a comida. E o que me mortifica mais ainda que todas essas privações, é que ele faz tudo isso pretextando um perfeito amor. Poder-se-ia dizer, ao ouvi-lo, que a alimentação ou o sono me causarão urna enfermidade mortal ou uma morte imediata. Por favor, vai buscar- me alguma coisa para comer; não me importa o que seja, desde que seja um alimento que me faça bem.

GRÚMIO — Que diríeis de uma pata de vaca?

CATARINA — É excelente. Traze-me a pata, por favor.

GRÚMIO — Temo que seja uma carne muito irritante. Que diríeis de uma dobradinha bem gorda, finamente assada na grelha?

CATARINA — Gosto muito. Vai buscá-la, bondoso Grúmio.

GRÚMIO— Estou em dúvida. Tenho medo de que seja, também, irritante. Que achais de um pedaço de carne de vaca com mostarda?

CATARINA — É um prato com que gosto de alimentar-me.

GRÚMIO — Sim, mas a mostarda é um pouco quente demais.

CATARINA — Então, o pedaço de carne e deixa a mostarda.

GRÚMIO — Não, assim não. Tereis a mostarda ou, então, não recebereis o bife de Grúmio.

CATARINA — Então, as duas coisas, ou uma sem a outra, ou o que quiseres.

GRÚMIO — Então, seja! A mostarda sem a carne de vaca.

CATARINA — Anda! Sai daqui, traidor! *(Bate me Grúmio.)* Tu só me alimentas com o nome dos pratos! Desgraça para ti e para toda a malta que triunfa assim de minha desgraça! Vamos, vai andando, estou dizendo! *(Entram Petruchio e Hortênsio trazendo um prato de carne).*

PETRUCHIO — Como está, minha Catita? Como, minha querida, muito abatida?

HORTÊNSIO — Como estais passando, minha senhora?

CATARINA — Juro que com tanto frio quanto seja possível.

PETRUCHIO — Cria ânimo e olha-me alegremente. Toma, meu amor. Estás vendo como estou cheio de atenções. Eu mesmo preparei tua comida e estou aqui com ela. Estou certo, querida Catita, de que tanta bondade merece

agradecimento. Como! Nem uma palavra? Ah! Estou vendo então que não gostas disto e tive tanto trabalho em pura perda. Levai este prato daqui!

CATARINA — Por favor, deixai-o ficar.

PETRUCHIO — O serviço mais insignificante merece um agradecimento. Por conseguinte, só tocareis no prato se me agradecerdes.

CATARINA — Muito obrigada, senhor.

HORTÊNSIO — Signior Petruchio, que é isto? Isto não se faz! Vinde, Senhora Catarina, eu vos farei companhia.

PETRUCHIO — (À parte.) Come tudo, Hortênsio, se gostas de mim. Que este prato possa fazer muito bem a teu gentil coração! Catita, come depressa... E depois, meu querido amor, voltaremos para a casa de teu pai. Vais vestir-te elegantemente com vestidos de seda, chapéus, anéis de ouro, golas de folhos, punhos, anquinhas, e outras coisas mais, junto com charpas, leques, guarnições sobressalentes, bem como braceletes de âmbar, colares e outras bagatelas mais. Então, já jantaste? O alfaiate está à tua disposição para adornar teu corpo com o tesouro de suas mais ricas fazendas. *(Entra um Alfaiate*.) Aproximai-vos, alfaiate, e deixai-nos ver estes enfeites. Mostrai o vestido. *(Entra um Mascate.)* Que trazeis de novo, senhor?

MASCATE — Trouxe o gorro que Vossa Senhoria encomendou.

PETRUCHIO — Como! Isto foi moldado numa gamela! Um prato de veludo! Tira daqui! Tira daqui! É inconveniente e escandaloso! Parece uma concha ou uma casca de noz, uma bagatela, um brinquedo, um logro, uma touca de criança. Tirai-o daqui, vamos, e trazei-me um maior.

CATARINA — Não quero maior. Este está na moda e assim estão usando as damas elegantes.

PETRUCHIO — Quando fordes delicada, tereis um igual; mas, não antes[48].

HORTÊNSIO — *(À parte.)* Não será tão cedo.

CATARINA — Sabei, senhor, se posso ter a liberdade de falar e quero falar, que não sou criança, nem bebê. Pessoas melhores que vós aguentaram minha

franqueza; e se não quiserdes suportá-la, é melhor que fecheis os ouvidos. Minha língua exprimirá o ressentimento de meu coração ou, se a prendesse, meu peito arrebentaria e, antes que isto suceda, quero ser livre e falar como quiser.

PETRUCHIO — Como! Estás dizendo a verdade. Este gorro é horrível, uma crosta de creme, uma quinquilharia, uma torta de seda. Gosto tanto de ti que não posso ver-te com isto.

CATARINA — Gostes ou não de mim, eu gosto do gorro e ficarei com este ou com nenhum outro. *(Sai o Mascate.)*

PETRUCHIO — Teu vestido? Ah! Sim. Vinde, alfaiate; deixai-nos vê-lo. Misericórdia, meu Deus! Que fantasia é esta? Que é isto? Uma manga? Parece uma bombarda. Como! Cortado de cima para baixo como uma torta de maçãs? Aqui está cortado e recortado, novamente cortado, talhado, e retalhado. Parece estufa de barbearia! Vai para o diabo, alfaiate! Que nome dás a isto?

HORTÊNSIO — (À *parte.)* Estou vendo que não terá nem gorro nem vestido.

ALFAIATE — Vós me encomendastes que o fizesse cuidadosamente na moda.

PETRUCHIO — Sim, é verdade! Mas, se vos lembrais, não vos disse que o estragasse de acordo com a moda do dia. Vamos, saltai- me todos os regatos, para que não seja obrigado a fazer-vos pular, senhor, corno costumo. Não quero nada disto. Fora daqui! Fazei o que melhor vos pareça.

CATARINA — Nunca vi vestido mais bem-feito, mais elegante, mais agradável, nem mais perfeito. Parece que quereis fazer de mim uma boneca.

PETRUCHIO — Essa é a verdade. Ele queria fazer de ti uma boneca.

ALFAIATE — Ela diz que Vossa Senhoria pretende fazer dela uma boneca.

PETRUCHIO — Ó monstruosa arrogância! Mentes, linha, dedal, jarda, três quartos, metade, quarto de jarda, *unha*[49], pulga, lêndea, grilo do inverno! Deixar-me-ei intimidar em minha própria casa por uma meada de linha? Para trás, farrapo, retalho, sobra, ou vou medir-te com tua jarda, de maneira que não esqueças jamais em tua vida teus mexericos! Repito-te que tu estragaste o vestido.

ALFAIATE — Vossa Senhoria está enganado. O vestido foi feito exatamente como ordenou meu patrão. Grúmio deu a ordem de como deveria ser feito.

GRÚMIO — Eu não lhe dei ordem; eu lhe dei o pano.

ALFAIATE — Mas, como desejáveis que ele fosse feito?

GRÚMIO — Ora, senhor, com agulha e linha.

ALFAIATE — Mas, não pedistes que ele fosse cortado?

GRÚMIO — Mediste muitas coisas.

ALFAIATE — É verdade.

GRÚMIO — Não me meças. Fizeste muitos homens soberbos; não te faças de soberbo comigo. Não quero que me meçam, nem que me enfrentem. Digo-te na cara. Encarreguei teu patrão de cortar o vestido, mas não que o cortasse em peças. *Ergo,* tu mentes.

ALFAIATE — Ora, aqui está a nota do feitio. Ela servirá de testemunha.

PETRUCHIO — Lê-a.

GRÚMIO — A nota mente pela boca dele, se ela disser que eu disse isso.

ALFAIATE — (Lê.) "*imprimis,* um vestido com blusa larga."

GRÚMIO — Patrão, se algum dia eu disse um vestido com blusa larga que me cosam nas saias e que me batam até a morte com uma meada de linha marrom. Eu disse um vestido.

PETRUCHIO — Continua.

ALFAIATE — (Lê.) "Com um pequeno cabeção arredondado."

GRÚMIO — Confesso o cabeção.

ALFAIATE — (Lê.) "Com uma manga larga."

GRÚMIO — Confesso duas mangas.

ALFAIATE — (Lê.) “As mangas cuidadosamente cortadas.”

PETRUCHIO — Sim, aí está a vilania

GRÚMIO — O erra é da nota, senhor; o erro é da nota. Eu mandei que as mangas fossem cortadas e logo cosidas. Eu te provarei, embora teu dedo mínimo esteja armado com um dedal.

ALFAIATE — É verdade o que estou dizendo e se estivesses em outro lugar, tu já te recordarias.

GRÚMIO — Estou à tua disposição. Apanha a nota, dá-me tua jarda e não me poupem.

HORTÊNSIO — Deus vos proteja, Grúmio! Assim, ele não terá vantagem.

PETRUCHIO — Bem, senhor, em poucas palavras: o vestido não é para mim.

GRÚMIO — Tendes razão, senhor; é para minha patroa.

PETRUCHIO — Vamos, e guarda-o para uso de teu patrão.

GRÚMIO — Vilão, de maneira alguma! Por tua vida! Levar o vestido de minha patroa para uso de teu patrão!

PETRUCHIO — Que é isto, senhor? Que pretendes dizer com isso?

GRÚMIO — Ó senhor, a opinião é mais profunda do que supondes. Levar o vestido de minha patroa para uso de meu patrão! Oh! Fora, fora, fora!

PETRUCHIO — (À *parte.)* Hortênsio, fala que pagarás ao alfaiate. Sai daqui, anda e nem uma palavra mais.

HORTÊNSIO — Alfaiate, eu te pagarei o vestido amanhã. Não leves a mal estas palavras impetuosas. Vai-te, estou mandando! Meus cumprimentos a teu patrão. *(Sai o Alfaiate.)*

PETRUCHIO — Bem, vinde minha Catarina, iremos para casa de vosso pai com estes trajes simples e decentes. Nossas bolsas estão cheias, pobres, nossas

roupas. É a alma que enriquece o corpo. Assim, como o sol rompe através das nuvens mais escuras, assim a honra assoma através da roupa mais pobre. Por acaso, o gaio é mais precioso do que a cotovia, porque suas penas são mais belas? Ou a víbora vale mais do que a enguia, porque as cores de sua pele agradam à vista? Oh! não, boa Catita! Nem tu perderás nada de teu valor só porque tenhas estes pobres aprestos e um traje simples. Se te sentes envergonhada, atira a culpa em mim. E, assim, mostra-te alegre. Vamos partir para festejarmos e divertir-nos em casa de teu pai. Vai, chama meus criados e partamos imediatamente; levem nossos cavalos para a extremidade do beco largo. Lá montaremos e até lá daremos um passeio a pé. Vejamos. Creio que já devem ser sete horas e bem poderemos chegar na hora do jantar.

CATARINA — Ouso garantir-vos, senhor, de que são quase duas horas. Não chegaremos a tempo para a ceia.

PETRUCHIO — Serão sete horas antes que monte a cavalo. Vede, aquilo que falo, faço ou penso fazer, estais sempre me contradizendo. Senhores, deixai-nos sós. Não partirei hoje e, quando partir, será na hora que houver dito.

HORTÊNSIO — Ora, este galanteador quer mandar até no sol. *(Saem.)*

CENA IV

Diante da casa de Batista, em Pádua.
Entram Trânio e o Pedagogo vestido como Vicêncio.

TRÂNIO — Senhor, aqui está a casa. Quereis que eu toque?

PEDAGOGO — Sim, que mais? A não ser que me engane, o *Signior* Batista deve recordar-se haver-me visto há perto de vinte anos atrás em Gênova, onde estávamos alojados na estalagem do Pégaso.

TRÂNIO — Está bem; guardai, em todo caso, aquela gravidade que convém a um pai.

PEDAGOGO — Eu vos garanto... *(Entra Biondello.)* Mas, senhor, está

chegando vosso pajem. Seria bom que lhe déssemos a lição.

TRÂNO — Não vos preocupeis com ele. Biondello, chegou o momento de cumprir vosso dever, estou vos advertindo. Imaginai que seja o verdadeiro Vicêncio.

BIONDELLO — Basta! Não temais por mim.

TRÂNIO — Deste o recado a Batista?

BIONDELLO — Disse-lhe que vosso pai estava em Veneza, e que vós o esperáveis, hoje, em Pádua.

TRÂNIO — És um ótimo rapaz! Toma isto para tomar uma bebida. Está chegando Batista. Prestai atenção à vossa fisionomia, senhor. *(Entram Batista e Lucêncio.) Signior* Batista, que prazer encontrar-vos! *(Ao Pedagogo.)* Senhor, este do cavalheiro de quem vos falei. Suplico-vos, mostrai-vos agora bom pai para mim, dai- me Bianca por matrimônio.

PEDAGOGO — Calma, meu filho! Senhor, com vossa permissão. Tendo vindo a Pádua para cobrar algumas dividas, meu filho Lucêncio me pôs ao corrente de um caso importante de amor entre vossa filha e ele mesmo. Assim (em virtude das boas informações que de vós me deram e do amor que sente por vossa filha e ela por ele), a fim de não o fazer esperar muito tempo, ficaria encantado, devido à minha solicitude paternal, se pudera vê-lo casado. E se vós não encontrais mais impedimentos do que eu, senhor, depois de havermos combinado, achar-me-eis voluntariamente disposto a aceitar este enlace; porque, *Signior* Batista, não posso ser escrupuloso convosco, de quem tão bem ouvi falar.

BATISTA — Senhor, perdoai-me pelo que vou dizer-vos. Vossa franqueza e vossa concisão muito me agradam. É perfeitamente verdade que vosso filho Lucêncio, aqui presente, ama minha filha e que é amado por ela, ou ambos dissimulam perfeitamente seus sentimentos. Sendo assim, se prometerdes portar-vos como um pai com vosso filho e assegurar a minha filha uma pensão suficiente quando ficar viúva, o casamento está resolvido e tudo concluído. Vosso filho terá minha filha com meu consentimento.

TRÂNIO — Muito obrigado, senhor. Onde desejais, então, que se verifiquem os esponsais e que o contrato seja redigido de acordo com as convenções de

ambas as partes?

BATISTA — Não em minha casa, Lucêncio, pois, como sabeis, as paredes têm ouvidos, e tenho muitos criados. Além disto, o velho Grêmio continua sempre de alcateia e poderia ser que fôssemos interrompidos.

TRÂNIO— Então, será em meu alojamento, se bem vos parecer. Lá mora meu pai e lá esta noite terminaremos o assunto particular e comodamente. Mandai buscar vossa filha pelo servidor que vos acompanha. Meu pajem irá imediatamente à cata do escrivão. O único inconveniente é que, não estando ninguém prevenido, ides ter pitança pobre e pouco abundante.

BATISTA — Vossa proposta me agrada. Biondello, correi a minha casa e dizei a Bianca que se prepare rapidamente. E, se quiserdes, contai-lhe o que aconteceu, isto é, que o pai de Lucêncio chegou a Pádua e que, provavelmente, será a esposa de Lucêncio.

BIONDELLO — Imploro aos deuses de todo o meu coração que ela o seja.

TRÂNIO — Não brinques com os deuses e parte. *(Sai Biondello.) Signior* Batista, posso mostrar-vos o caminho. Sois bem-vindo, mas um só prato será sem dúvida vosso ágape. Vamos, senhor. As coisas serão melhores em Pisa.

BATISTA — Estou-vos seguindo. *(Saem Trânio, o Pedagogo e Batista. Volta Biondello.)*

BIONDELLO — Câmbio!

LUCÊNCIO — Que dizes, Biondello?

BIONDELLO — Vistes meu patrão piscar o olho e rir para vós?

LUCÊNCIO — Que quis dizer com isso, Biondello?

BIONDELLO — Nada, juro; mas, deixou-me aqui para interpretar o sentido e a moral de seus sinais e gestos.

LUCÊNCIO — Por favor, vejamos a moralidade deles.

BIONDELLO — Ei-la. Batista está em lugar seguro, conversando com o pai

falso de um filho falso.

LUCÊNCIO — E depois?

BIONDELLO — A filha dele deve ser por vós levada à ceia.

LUCÊNCIO — E então?

BIONDELLO — O velho sacerdote da igreja de São Lucas está a vosso serviço em todas as horas.

LUCÊNCIO — E o fim de tudo isto?

BIONDELLO — Não posso dizer mais nada, a não ser que estejam agora ocupados redigindo um contrato falso. Assegurai-vos dela, *cum privilegio ad imprimendum solum*[50]. Vamos para a igreja! Pegai um sacerdote, um sacristão e algumas testemunhas suficientemente honestas. Se não é esta a ocasião que desejais, nada mais tenho a dizer-vos que vos aconselhar a dar adeus a Bianca para a eternidade e um dia.

LUCÊNCIO — Estás me escutando, Biondello?

BIONDELLO — Não tenho mais tempo a perder. Conheci uma jovem que se casou numa tarde, quando foi à horta apanhar salsa para rechear um coelho. Vós podeis fazer outro tanto. E com isto, adeus, senhor. Meu patrão me mandou ir a São Lucas dizer ao padre que esteja pronto para vir, assim que chegueis com vosso apêndice. *(Sai.)*

LUCÊNCIO — Posso e quero tudo isso, se ela aceitar. Ela ficará encantada; por que então supor o contrário? Suceda o que suceder, vou abordá-la resolutamente. As coisas irão mal, se Câmbio voltar sem ela. *(Sai.)*

CENA V

Urna estrada.
Entram Petruchio, Catarina, Hortênsio e Criados.

PETRUCHIO — Vamos, em nome de Deus! Coloquemo-nos novamente a caminho da casa de nosso pai... Bom Deus! Como a lua brilha clara e serena!

CATARINA — A lua! É o sol. Não há luar agora.

PETRUCHIO — Estou dizendo que é a lua que está brilhando tão claro.

CATARINA — Eu sei que é o sol que está brilhando tão claro.

PETRUCHIO — Ah! Pelo filho de minha mãe, ou seja, eu mesmo, será a lua ou uma estrela ou o que resolver, antes que continue minha viagem para casa de vosso pai. Vamos! Levem nossos cavalos de volta! Sempre contradizendo e contradizendo! Não faz outra coisa senão contradizer!

HORTÊNSIO — Dizei o que ele diz, ou nunca sairemos daqui.

CATARINA — Prossigamos nosso caminho, por favor, já que viemos de tão longe. Que seja a lua ou o sol, ou o que desejardes. Se quiserdes chamar uma lamparina de sol, juro que não será outra coisa para mim.

PETRUCHIO — Estou dizendo que é a lua.

CATARINA — Reconheço que seja a lua.

PETRUCHIO — Então, estais mentindo! É o sol bendito!

CATARINA — Então, bendito seja Deus! É o bendito sol! E não será o sol se disserdes que não seja, e a lua mudará ao sabor de vossa vontade. É, portanto, o que quiserdes que seja, assim será para Catarina.

HORTÊNSIO — Petruchio, segue teu caminho. Conquistaste o campo de batalha.

PETRUCHIO — Bem, adiante! Adiante! Assim a bola deve rolar, sem se deixar infortunadamente ir de encontro ao obstáculo! Mas, atenção! Aproxima-se alguém. *(Entra Vicêncio. Dirigindo-se a Vicêncio.)* Bom dia, gentil senhora. Para onde estais indo? Dize-me, doce Catarina, dize-me francamente, viste alguma dama mais viçosa? Que batalha de branco e vermelho se trava em suas faces! Que estrelas brilham no céu com tanta beleza, como esses dois olhos enfeitam essa face celestial? Linda e encantadora donzela, mais uma vez bom

dia! Suave Catarina, abraça-a em consideração a tanta beleza.

HORTÊNSIO — Vai fazer o homem ficar louco, querendo transformá-lo em mulher.

CATARINA — Jovem virgem em botão, bela, viçosa e doce rosa, aonde vais? Ou onde resides? Felizes pais que têm como filha tão bela jovem! Mais feliz o homem a quem as estrelas propícias te destinam para terna companheira de leito!

PETRUCHIO — Então, que é isto, Catita? Espero que não estejas louca. É um homem, ancião, enrugado, definhado, descarnado, e não uma donzela como dizes.

CATARINA — Perdoa-me, velho pai, o engano de meus olhos. De tal maneira o sol os deslumbrou que tudo aquilo que vejo me parece verde. Percebo, agora, que és um venerável ancião. Perdoa- me, peço-te, meu louco engano.

PETRUCHIO — Perdoa-a, bondoso avô, e dize-nos que caminho segues; se é o mesmo que o nosso, gostaremos muito de ir em tua companhia.

VICÊNCIO — Bom senhor e vós, minha alegre dama, cujo estranho encontro tanto me surpreendeu, meu nome é Vicêncio. Minha residência é em Pisa e estou me dirigindo a Pádua, para visitar um filho meu, de quem há tempos não possuo notícias.

PETRUCHIO — Como se chama ele?

VICÊNCIO — Lucêncio, gentil senhor.

PETRUCHIO — O encontro é feliz, principalmente para teu filho. A lei, bem como tua idade venerável, me permitem chamar-te de pai bem-amado. Teu filho se casou com a irmã de minha mulher, esta dama que aqui vês. Não fiques assombrado nem triste; ela é de boa reputação, ricamente dotada, e de nascimento digno; além do mais, possuidora de tais qualidades que seria merecedora do mais nobre gentil-homem. Abracemo-nos, velho Vicêncio, e prossigamos juntos a viagem para vermos teu honrado filho; tua chegada vai enchê-lo de alegria.

VICÊNCIO — Mas, isto é verdade? Ou estais brincando, como fazem certos viajantes engraçados, quando encontram outros caminhantes?

HORTÊNSIO — Garanto-te, ancião, que é perfeitamente verdade.

PETRUCHIO — Vamos, vem conosco para convencer-te por ti mesmo. Nossa primeira brincadeira fez com que ficasses desconfiado. *(Saem todos, menos Hortênsia)*

HORTÊNSIO — Bem, Petruchio! Isso me infundiu ânimo! Vou atrás de minha viúva; e se estiver intratável, tu ensinaste a Hortênsio a não deixar-se dominar. *(Sai.)*

ATO V

CENA I

Diante da casa de Lucêncio, em Pádua.
Grêmio anda na frente da cena. Entram por trás Biondello, Lucêncio e Bianca.

BIONDELLO — Calma e rapidamente, senhor, pois o padre está pronto.

LUCÊNCIO — Vou voando, Biondello; mas, podem ter necessidade de ti lá em casa. Assim, deixa-nos.

BIONDELLO — Não, juro. Quero ver a igreja em cima de vós, e, então, voltarei para buscar meu patrão com toda a pressa possível. *(Saem Lucêncio, Bianca e Biondello.)*

GRÊMIO — Sinto-me admirado que Câmbio ainda não haja chegado. *(Entram Petruchio, Catarina, Vicêncio, Grúmio, seguidos pelos Criados.)*

PETRUCHIO — Senhor, aqui está a porta, esta é a casa de Lucêncio. A de meu pai fica mais longe, na direção da praça do mercado. Preciso continuar meu caminho e aqui vos deixo, senhor.

VICÊNCIO — Vós não recusareis beber comigo alguma coisa, antes de partirdes. Creio poder assegurar-vos aqui um bom acolhimento, e, segundo toda aparência, encontraremos boa mesa. *(Bate na porta.)*

GRÊMIO — Estão ocupados lá dentro. Seria melhor que batêsseis mais forte.

(O *Pedagogo aparece na janela.)*

PEDAGOGO — Quem está batendo como se quisera derrubar a porta?

VICÊNCIO — O *Signior* Lucêncio está em casa, senhor?

PEDAGOGO — Está em casa, senhor, mas não é possível falar com ele.

VICÊNCIO — Mesmo se alguém lhe trouxesse cem ou duzentas libras para divertir-se?

PEDAGOGO — Guardai essas cem libras para vós. Não lhe farão falta enquanto eu viver.

PETRUCHIO — Vedes? Já vos dizia que vosso filho era muito estimado em Pádua. Estais me ouvindo, senhor? Para acabar com circunlóquios fúteis, peço-vos que digais ao *Signior* Lucêncio que o pai dele acaba de chegar de Pisa e está aqui na porta para falar-lhe.

PEDAGOGO — Estás mentindo. O pai dele já chegou de Pádua[51] e é ele quem está olhando na janela.

VICÊNCIO — És pai dele?

PEDAGOGO — Sim, senhor; assim diz a mãe dele, se posso acreditar nela.

PETRUCHIO — *(A Vicêncio.)* Ora, que me diz agora o cavalheiro? Não sabeis que é urna baixa ação tomar o nome de outra pessoa?

PEDAGOGO — Prendei o vilão! Suspeito de que deseja enganar alguém desta cidade, encoberto por meu nome! *(Volta Biondello.)*

BIONDELLO — Eu os vi juntos na igreja. Deus os conduza a bom porto! Mas, quem está aqui? Meu velho patrão Vicêncio! Estamos perdidos e reduzidos a nada!

VICÊNCIO — *(Notando Biondello.)* Vem cá, bandido!

BIONDELLO — Creio que possa fazer o que quiser, senhor.

VICÊNCIO — Vem cá, tratante! Já te esqueceste de mim?

BIONDELLO — Esquecer de vós? Não, senhor. Não posso esquecer-me de vós, porque nunca vos vi em toda minha vida.

VICÊNCIO — Como! Terrível velhaco, nunca viste Vicêncio, pai de teu patrão?

BIONDELLO — Quem? Meu velho, meu venerável velho patrão? Sim, sem dúvida, senhor. Ali está ele olhando na janela.

VICÊNCIO — Ah! É assim? *(Bate em Biondello.)*

BIONDELLO — Socorro, socorro, socorro! Aqui está um louco que deseja matar-me! *(Sai.)*

PEDAGOGO — Socorro, meu filho! Socorro, *Signior* Batista! *(Sai da janela.)*

PETRUCHIO — Peço-te, Catarina, fiquemos de lado, para vermos o final desta controvérsia. *(Saem. Volta o Pedagogo, embaixo, seguem-no Trânio, Batista e Criados.)*

TRÂNIO — Senhor, quem sois vós que ousais bater em meu servidor?

VICÊNCIO — Quem sou eu, senhor? Ora, quem sois vós, senhor? Ó deuses imortais! Ó lindo vilão! Um gibão de seda! Calções de veludo! Manto escarlate e chapéu pontudo!... Estou arruinado! Estou arruinado! Enquanto represento em casa o papel de pai econômico, meu filho e meu empregado gastam tudo na universidade.

TRÂNIO — E agora? Que aconteceu?

BATISTA — Que é isto? Estará lunático?

TRÂNIO — Senhor, tendes todo o aspecto de um cavalheiro idoso, sensato e respeitável, mas vossas palavras parecem as de um louco. Por que, senhor, tendes que ver se eu uso ouro ou pérola? Graças a meu bom pai, posso permitir-me este luxo.

VICÊNCIO — Teu pai! Ó patife! Teu pai é veleiro em Bérgamo!

BATISTA — Estais enganado, senhor, estais enganado. Por favor, como pensais que ele se chama?

VICÊNCIO — O nome dele! Como se não o conhecesse! Eu o eduquei desde os três anos de idade e o nome dele é Trânio.

PEDAGOGO — Fora, fora, asno louco! Ele se chama Lucêncio! É meu filho único e herdeiro de todos os bens que tenho eu, *Signior* Vicêncio.

VICÊNCIO — Lucêncio! Oh! Assassinou o patrão! Prendei-o, ordeno-vos, em nome do duque! Ó meu filho, meu filho! Dize-me, bandido, onde está meu filho Lucêncio?

TRÂNIO — Mandem chamar um guarda. *(Entra um Criado com um Guarda.)* Levai este louco para a prisão! Pai Batista, encarrego-vos de tomar conta para ver se ele será preso.

VICÊNCIO — Levar-me para a prisão!

GRÊMIO — Ficai, guarda; ele não irá para a prisão.

BATISTA — Calai-vos, *Signior* Grêmio. Estou dizendo que irá para a prisão.

GRÊMIO — Cuidado, *Signior* Batista, não vos deixeis enganar neste negócio. Atrevo-me a jurar que este homem é o verdadeiro Vicêncio.

PEDAGOGO — Jura, se ousas.

GRÊMIO — Não, eu não o ouso jurar.

TRÂNIO — Então, farias melhor dizendo que não sou Lucêncio.

GRÊMIO — Sim, reconheço que sejas o *Signior* Lucêncio.

BATISTA — Fora com este velho caduco! Levem-no para a prisão!

VICÊNCIO — É assim que se maltratam e insultam os estrangeiros!... Ó monstruoso patife! *(Voltam com Biondello, Lucêncio e Bianca.)*

BIONDELLO — Oh! Estamos perdidos! Olhai, está ali! Negai, fingi não reconhecê-lo, ou do contrário, estamos arruinados!

LUCÊNCIO — *(Ajoelhando-se.)* Perdoai-me, bondoso pai.

VICÊNCIO — Meu amado filho está vivo! *(Saem, correndo o mais depressa que puderem, Biondello, Trânio e o Pedagogo.)*

BIANCA — Perdão, querido pai.

BATISTA — Que fizeste para ofendê-lo? Onde está Lucêncio?

LUCÊNCIO — Aqui está Lucêncio, verdadeiro filho de Vicêncio, que acaba de casar-se com tua filha, enquanto personagens falsos enganavam teus olhos.

GRÊMIO — Era uma intriga deliberada para enganar-nos a todos!

VICÊNCIO — Onde está o maldito Trânio, que se atreveu a insultar-me cara a cara com tanta insolência?

BATISTA — Como! Dizei-me, este não é meu criado Câmbio?

BIANCA — Câmbio virou Lucêncio.

LUCÊNCIO — Foi o amor que operou estes milagres. Por amor de Bianca, troquei de personalidade com Trânio, enquanto ele se fazia passar por mim na cidade. E assim cheguei felizmente ao porto desejado de minha ventura. Trânio nada mais fez do que obedecer minhas ordens. Perdoai-o, pois, querido pai, pelo amor que me tendes.

VICÊNCIO — Quebrarei o nariz do vilão que pretender levar- me para a prisão.

BATISTA — Mas, dizei-me, senhor, casastes com minha filha sem pedir meu consentimento?

VICÊNCIO — Nada temais, Batista; faremos com que fiqueis satisfeito. Mas quero entrar para vingar-me desta vilania. *(Sai.)*

BATISTA — E, eu, para esclarecer a fundo esta velhacaria. *(Sai.)*

LUCÊNCIO — Não empalideças, Bianca. Teu pai não ficará zangado! *(Saem Lucêncio e Bianca.)*

GRÊMIO — Estou derrotado; não tenho mais esperança, a não ser de ainda conseguir um lugar no banquete[52]. *(Sai.)*

CATARINA — Vamos segui-los, meu marido, para ver o fim desta complicação.

PETRUCHIO — Beija-me, primeiro, Catita, e eu consentirei.

CATARINA — Como! No meio da rua?

PETRUCHIO — Ora esta! Estás com vergonha de mim?

CATARINA — Não, senhor, Deus me livre. Estou envergonhada de beijar-vos.

PETRUCHIO — Ora, então voltemos para casa novamente. Vamos, rapaz, voltemos.

CATARINA — Não, vou dar-te um beijo. Agora, rogo-te, amor, que fiques.

PETRUCHIO — Não é bom? Vamos, minha encantadora Catita. Mais vale tarde que nunca, pois, jamais é tarde demais. *(Saem.)*

CENA II

Casa de Lucêncio, em Pádua.
Entram Batista, Vicêncio, Grêmio, o Pedagogo,
Lucêncio, Bianca, Petruchio, Catarina, Hortênsio
a Viúva, Trânio, Biondello e Grúmio. Criados, dirigidos
por Trânio, servem o banquete.

LUCÊNCIO — Enfim, depois de nossos longos desacordos, estamos em harmonia. É o momento, terminada a guerra furiosa, de sorrir aos perigos

passados. Minha bela Bianca, dá as boas-vindas a meu pai, enquanto expresso a mesma ternura ao teu. Irmão Petruchio, irmã Catarina e tu, Hortênsio, assim como tua amada viúva, banqueteai-vos o melhor que puderdes e sede bem-vindos a minha casa. Este jantar vai acabar com nosso apetite, depois de nosso grande festim. Sentai-vos, por favor, não só para conversar como para comer.

PETRUCHIO — Sim, para mesa! Para mesa! Mas, para comer, só para comer!

BATISTA — Pádua fornece todas estas doçuras, meu filho Petruchio.

PETRUCHIO — Pádua só brinda com aquilo que seja adorável.

HORTÊNSIO — Desejaria, para nós ambos, que essas palavras fossem verdadeiras.

PETRUCHIO — Por minha vida! Hortênsio tem medo da viúva!

VIÚVA — Então, não confieis jamais em mim, se inspirar medo.

PETRUCHIO — Sois muito sensata e, contudo, não compreendeis o sentido de minhas palavras. Quero dizer que Hortênsio tem medo de vós.

VIÚVA — Quem é tonto pensa que o mundo gira ao redor.

PETRUCHIO — Bem respondido.

CATARINA — Senhora, que quereis dizer com isso?

VIÚVA — É que, graças a ele, concebo...

PETRUCHIO — Concebeis graças a mim?... Que pensará Hortênsio?

HORTÊNSIO — Minha viúva diz que é assim que ela concebe a explicação da frase.

PETRUCHIO — Muito bem emendado... Beijai-o pela resposta, boa viúva!

CATARINA — Quem é tonto pensa que o mundo gira ao redor? Gostaria que me explicásseis o que entendeis por essas palavras.

VIÚVA — Vosso marido, importunado por uma megera, mede as penas de meu marido pelas suas. Agora, sabeis o que quero dizer.

CATARINA — Uma opinião bem baixa.

VIÚVA — Isto mesmo, referia-me a vós.

CATARINA — Segundo vossa opinião, sou então baixa.

PETRUCHIO — A ela, Catita!

HORTÊNSIO — A ela, viúva!

PETRUCHIO — Aposto cem marcos como minha Catita a derrotará!

HORTÊNSIO — Aqui entro em função.

PETRUCHIO — Fala como um funcionário! A tua saúde, camarada! *(Bebe à saúde de Hortênsio.)*

BATISTA — Que pensa Grêmio deste assalto de sutilezas?

GRÊMIO — Acreditai-me, senhor, dão marradas juntos muito bem.

BIANCA — Cabeça e marrada! Uma pessoa de réplica pronta diria que, para dar marradas, é preciso, como vós, possuir cornos.

VICÊNCIO — Sim, senhora recém-casada, isto vos fez acordar?

BIANCA — Sim, mas não me inquietou. Assim, vou dormir de novo.

PETRUCHIO — Não durmais, não. Visto que despertastes, vou atirar-vos uma ou duas flechas agudas.

BIANCA — Sou vosso pássaro? Vou mudar de moita, e então persegui-me com vosso arco. Sede todos bem-vindos! *(Saem Bianca, Catarina e a Viúva.)*

PETRUCHIO — Ela me evitou! Eis aqui, *Signior* Trânio, o pássaro para quem estivestes visando sem poder atingir! Vamos, bebo à saúde de todos os atiradores infelizes!

TRÂNIO — Ó senhor! Lucêncio me soltou como um galgo que acossa a caça, mas só a entrega ao dono.

PETRUCHIO — Boa e rápida comparação, mas cheirando a canil.

TRÂNIO — Fizestes bem, senhor, de caçar para vós mesmo. Dizem que vossa corça vos encurrala.

BATISTA — Oh! Oh! Petruchio, agora é Trânio que acerta em vós.

LUCÊNCIO — Obrigado pelo teu sarcasmo, bom Trânio.

HORTÊNSIO — Confessai, confessai, ele não vos acertou em cheio?

PETRUCHIO — Confesso que passou de raspão, mas, como o tiro ricocheteou, apostarei dez contra um que ele atingiu vós ambos.

BATISTA — Falando agora sério, filho Petruchio, acho que tens a mais geniosa de todos.

PETRUCHIO — Pois eu digo que não; e para provar o que digo, cada um mande chamar sua esposa e aquela que for mais obediente e venha em primeiro lugar, ganhará a aposta que tenhamos estabelecido.

HORTÊNSIO — Concordo. Quanto apostaremos?

LUCÊNCIO — Vinte coroas.

PETRUCHIO — Vinte coroas! É o que eu arriscaria por meu falcão ou meu cão, mas por minha mulher, aposto vinte vezes mais.

LUCÊNCIO — Cem coroas, então.

HORTÊNSIO — Apostado.

PETRUCHIO — Então está combinado!

HORTÊNSIO — Quem começará?

LUCÊNCIO — Eu! Biondello, ide dizer a vossa patroa que venha aqui.

BIONDELLO — Já vou. *(Sai.)*

BATISTA — Meu filho, parto a metade convosco. Bianca virá.

LUCÊNCIO — Não quero sócio. Faço a aposta sozinho. *(Volta Biondello.)* Então? Que há?

BIONDELLO — Senhor, *minha* patroa manda dizer-vos que está ocupada e que não poderá vir.

PETRUCHIO — Como! Está ocupada e não pode vir! Isto é resposta?

GRÊMIO — Sim e amável, também. Rogai a Deus, senhor, que vossa esposa não vos envie uma pior.

PETRUCHIO — Espero uma melhor.

HORTÊNSIO — Biondello, vai solicitar a minha mulher para vir aqui imediatamente. *(Sai Biondello.)*

PETRUCHIO — Oh! Oh! Solicitar-lhe! Duvido bem que venha.

HORTÊNSIO — Temo, senhor, que, embora fazendo o que quiserdes, a vossa não atenda vossas solicitações. *(Volta Biondello.)* Então, onde está minha mulher?

BIONDELLO — Ela diz que estais imaginando alguma brincadeira e que não virá; ela manda dizer-vos para ir procurá-la.

PETRUCHIO — De mal a pior! Ela não quer vir! É vil, intolerável, insuportável! Grúmio, vai procurar tua patroa e dize-lhe que lhe ordeno que venha aqui! *(Sai Grúmio.)*

HORTÊNSIO — Já sei a resposta dela.

PETRUCHIO — Qual?

HORTÊNSIO — Ela não virá.

PETRUCHIO — Tanto pior para mim, e isto é tudo.

BATISTA — Como! Por Nossa Senhora! Olha Catarina! *(Volta Catarina.)*

CATARINA — Que desejais, senhor, que mandastes buscar- me?

PETRUCHIO — Onde estão vossa irmã e a mulher de Hortênsio?

CATARINA — Conversam no salão, assentadas perto da lareira.

PETRUCHIO — Ide buscá-las e trazei-as aqui. Se se recusarem a vir, enviai-as aos maridos delas com boas chicotadas. Fora, estou dizendo, e trazei-as imediatamente. *(Sai Catarina.)*

LUCÊNCIO — Se existem milagres, aqui está um.

HORTÊNSIO — Com efeito, é um milagre. Que poderá pressagiar?

PETRUCHIO — Ora, é um presságio de paz, de amor, de vida tranquila, de respeito às conveniências e da supremacia do marido. Em uma palavra: todas as alegrias e todas as felicidades.

BATISTA — Que a felicidade esteja contigo, bom Petruchio! Ganhaste a aposta e quero acrescentar, às que eles perderam, vinte mil coroas, como novo dote para uma nova filha, pois, está tão mudada, que é uma outra.

PETRUCHIO — Não, quero ganhar melhor ainda a aposta, dar-vos a demonstração mais evidente de sua obediência e de sua nova virtude. Olhai-a! Aí vem ela trazendo vossas duas mulheres como prisioneiras de sua persuasão feminina! *(Volta Catarina com Bianca e a Viúva.)* Catarina, este gorro que usais não vos assenta! Tirai este trapo e jogai-o sob vossos pés!

VIÚVA — Meu Deus! Nunca me deis ocasião de chorar, enquanto não me vir reduzida a um servilismo tão humilhante!

BIANCA — Que vergonha! Como qualificais uma obediência tão louca como esta?

LUCÊNCIO — Quisera que a vossa fosse tão louca assim também! O conhecimento de vosso dever, bela Bianca, custou-me cem coroas depois da ceia.

BIANCA — Mais louco fostes vós apostando sobre minha obediência.

PETRUCHIO — Catarina, ordeno-te de dizer a estas mulheres cabeçudas quais são os deveres a que estão obrigadas em relação a seus senhores e maridos.

VIÚVA — Vamos, vamos, estais caçoando. Não queremos lição.

PETRUCHIO — Fala, estou mandando, e começa primeiro por ela.

VIÚVA — Não o fará.

PETRUCHIO — Digo que o fará! Começa primeiro por ela.

CATARINA — Que vergonha! Que vergonha! Desarma essa fronte ameaçadora e feroz e não lancem teus olhos esses olhares desdenhosos, como se quisesses atravessar teu senhor, teu rei e teu governante. Isso empana tua formosura, como as geadas cortam as campinas; destrói tua reputação, como os furacões agitam os lindos botões e não é prudente nem amável. Uma mulher irritada é como uma fonte agitada, turva, desagradável e sem encanto. E enquanto assim permanecer, ninguém haverá, por mais sedento ou alterado que esteja, que se digne acercar dela seus lábios ou beber uma só gota. Teu marido é teu senhor, tua vida, teu guardião, tua cabeça, teu soberano; é quem cuida de ti, quem se ocupa de teu bem-estar. É ele quem submete seu corpo aos trabalhos rudes, tanto na terra como no mar. De noite, vela no meio da tempestade; de dia, no meio do frio, enquanto tu dormes calidamente em casa, segura e salva. Só implora de ti o tributo do amor, da doce e fiel obediência: paga bem pequena para tão grande dívida. A mulher tem as mesmas obrigações em relação ao marido do que um súdito em relação ao príncipe. E mostrando-se indomável, mal-humorada, intratável, desaforada e desobediente às suas legítimas ordens, não passa de urna rebelde, uma vil litigante, culpada do delito de traição para com seu senhor bem-amado. Causa-me vergonha ver as mulheres declararem, ingênuas, a guerra, quando deveriam implorar a paz; pretenderem o mando, a supremacia e o domínio estando destinadas a servir, amar e obedecer. Por que nossos corpos são tão delicados, frágeis e tenros, impróprios para as fadigas e agitações do mundo, a não ser porque a qualidade gentil de nosso espírito, de nossos corações, deve achar-se em harmonia com nosso exterior? Vamos, vamos, vermes impotentes e indóceis! Eu também tive um gênio tão difícil quanto os vossos, um coração tão altaneiro e, talvez, maiores motivos para opor uma palavra a outra palavra e mau humor por mau humor. Mas, agora compreendo

que nossas lanças não passam de frágeis caniços; nossa força, fraqueza, urna enorme fraqueza que, aparentando que somos os mais, provamos que somos os menos. Não vos mostreis, pois, orgulhosas, que de nada serviria e ponde vossas mãos aos pés de vossos esposos em sinal de obediência. Se o meu mandar, minha mão está pronta, se isso causar-lhe prazer.

PETRUCHIO — Bravo! Isto é o que se chama uma dama! Vem aqui e beija-me, Catita!

LUCÊNCIO — Bem, segue teu caminho, camarada, pois conseguiste o que desejavas.

VICÊNCIO — Como é agradável escutar filhos dóceis!

LUCÊNCIO — Mas, nada mais desagradável do que mulheres incorrigíveis.

PETRUCHIO — Vamos, Catita, para a cama. Casamo-nos os três; mas, sois dois condenados. *(A Lucêncio.)* Ganhei a aposta, embora tenhais atingido o alvo casando com Bianca. E como vencedor, que Deus me dê uma boa noite! *(Saem Petruchio e Catarina.)*

HORTÊNSIO — Sim, segue teu caminho. Domaste a pior megera.

LUCÊNCIO — Com vossa permissão, é uma maravilha que ela haja sido assim domesticada por ele. *(Saem.)*

NOTAS DE RODAPÉ

[1] Corruptela do espanhol *pocas palabras,* frase corrente em Londres naqueles tempos.

[2] Palavra de origem duvidosa, tanto podendo ser do italiano *cessa* como do francês *cessez.*

[3] Significa *Denier* no texto; era uma moeda antiga francesa, significando aqui coisa de valor mínimo. Quanto a Jerônimo ou *go by, Jeronimy,* é uma frase popular da *Tragédia Espanhola,* de Kyd, onde há um Hieronimo.

[4] Em inglês, *Thirdborough*, policial de quarteirão, daí a resposta em trocadilho intraduzível em português, na qual Sly responde que *third, or, fourth, or fifth borough, I'll answer him by law.*

[5] Lunáticas eram as pessoas perturbadas pela influência da lua, sendo uma loucura intermitente sujeita as fases satélite terreno.

[6] Naqueles tempos, os artistas ambulantes se anunciavam ao som de trompas, trombetas ou clarins.

[7] Nos Fólios e no Quarto vem “Sincklo”, nome de um ator da companhia de Shakespeare. “Soto” era um personagem de *Wornen Pleased,* de Beaumont e Fletcher.

[8] No tempo de Shakespeare, as mulheres não subiam ao palco. Logo, todos os papéis femininos eram feitos por homens.

[9] Cena representada na primeira galeria no fundo da cena, de onde Sly irá assistir à comédia representada em sua honra.

[10] Povoado do condado de Warwick, perto de Stratford.

[11] Trocadilho intraduzível entre *comonty,* usado no lugar de *commodity.Commodity* significava não só móveis, comodidades, como também, patifarias.

[12] Castigo infligido aos criminosos. Eram levados pelas ruas em carretas, como castigo ou exposição pública.

[13] Provérbio que significa o fracasso de um projeto.

[14] Jogo que consistia cm apanhar um anel com a ponta de uma lança.

[15] A rainha de Cartago era Dido, e Ana, sua irmã e confidente.

[16] Redime-te do cativeiro pelo menor preço. Citação do *Eunuco,* de Terêncio (Ato I, Cena 1, 29), extraída da *Gramática Latina de Lyly.*

[17] A filha de Agenor, rei da Fenícia, é Europa, raptada por Júpiter transformado em touro.

[18] *Basta* é a palavra usada por Shakespeare.

[19] Os criados usavam roupas escuras; logo, quando no tempo se falava na linguagem teatral em usar cores, significava trocar de roupa.

[20] Grúmio fala errado. No caso presente, troca *rebused* por *abused,* o que, em inglês, deveria ser muito engraçado naquele tempo.

[21] Raciocínio usado na *Commedia dell'Arte*

[22] Florêncio, herói de um conto de Gower em *Confessio amantis,* promete casar-se com uma velha feiticeira se ela resolver um enigma do qual depende sua vida, e que depois do casamento torna-se jovem e bela.

[23] A Sibila é a de Cumes, a quem Apolo prometera tantos anos de vida, quantos grãos de areia pudessem existir num punhado.

[24] Trata-se da lista dos livros

[25] A filha da bela Leda é Helena de Tróia, cujo rapto por Páris deu início à

expedição dos Gregos contra Tróia.

[26] Conservamos exatamente o original de Shakespeare, onde pela necessidade da métrica ou da rima os tratamentos variam extraordinariamente.

[27] As irmãs mais velhas solteiras dançavam descalças no casamento da mais moça. As solteironas levavam macacos para o inferno por não terem tido filhos para educar.

[28] A resposta de Catarina é *A join'd Stool,* que não só é um tamborete como, também, exprime pouco caso, desprezo.

[29] Trocadilho entre *tail* (rabo, calda) e *trile* (história).

[30] Trocadilho com *arms* que, em inglês, não só são braços como armas.

[31] *A coxcomb?,* pergunta Catarina. A palavra não só significa a crista do galo, como o gorro do bufão e, logo, um idiota.

[32] *Crab,* em inglês, é caranguejo, mas, também, uma maçã muito azeda.

[33] Referência ao provérbio: “Tem bastante inteligência para ficar quente”.

[34] Há um trocadilho entre o diminutivo de Catarina (Kate) e *cat.*

[35] Griselda era personagem dos antigos trovadores, célebre pela paciência. Muitos autores dela se ocuparam, mas, no caso, refere-se à Griselda de um conto de Chaucer, tirado do *Decameron,* de Boccaccio.

[36] Tiro, cidade da Fenícia, hoje Líbano, célebre pela púrpura.

[37] A cardo f tem era o ponto mais alto que se podia obter naqueles tempos em muitos jogos de carta.

[38] Fala de Penélope em *As Heróides* (I, 33), de Ovídio, na qual ela diz: “Por ali, corria o Rio Sírnois; aqui fica a terra de Sigéia; aqui se levanta o vasto palácio do velho Priamo”.

[39] Pantaleão era o personagem típico dó velho cacete e falador da *Commedia dell'Arte.*

[40] Diminutivo depreciativo de pedante.

[41] *A little pot is soon hot,* provérbio a que faz referência Grúmio.

[42] Referência ao pequeno tamanho de Grúmio.

[43] Antiga canção inglesa.

[44] Em inglês *cony-catching* (pregar peças) fazendo trocadilho com *catch* (estribilho).

[45] Naquele tempo, cobria-se o chão com esteiras, pois ainda não começara o uso dos tapetes no chão.

[46] Trocadilho em que aparecem as palavras *Jack and Jill,* rapaz e rapariga, e, também, cântaros para beber cerveja.

[47] Velha balada que devia ser cantada pelo recém-casado.

[48] Trocadilho com gentlewomen, intraduzível em português.

[49] A *nail,* no caso presente, é uma medida equivalente a 57 milímetros.

[50] Inscrição nas páginas do título dos livros, indicativa do privilégio do editor.

[51] Assim aparece nos Fólios e nos Quartos e várias mudanças foram sugeridas como sendo um engano. Entretanto, a edição Cambridge manda assim conservar, argumentando que o Pedagogo quer dizer que não saiu de Pádua, procurando garantir-se da ameaça de morte que pairava sobre ele.

[52] A primeira sentença desta fala é uma expressão proverbial, ou seja, *My cake is dough.*